



INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA  
STATISTICS PORTUGAL



# Estatísticas do Emprego

2012

2.º Trimestre



Edição 2012



Estatísticas  
oficiais



INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA  
STATISTICS PORTUGAL

# Estatísticas do Emprego 2012

2.º Trimestre

Edição 2012

# FICHA TÉCNICA

Em Abril de 1996 o Fundo Monetário Internacional (FMI) criou o 'Special Data Dissemination Standard' (SDDS) visando reforçar a transparência, integridade, actualidade e qualidade da informação estatística. No âmbito do SDDS é disponibilizada informação sobre: dados macroeconómicos, política de divulgação ao público, política de revisões e metodologias subjacentes à preparação da informação estatística.

Portugal aderiu ao SDDS em Outubro de 1998, podendo ser consultada a informação referente ao nosso país no 'Dissemination Standard Bulletin Board' do FMI, acessível na Internet – <http://dsbb.imf.org>

Em articulação com o calendário de divulgação estabelecido no SDDS, igualmente disponível no referido endereço da Internet, o Instituto Nacional de Estatística publica, em primeira mão, na Internet - [www.ine.pt](http://www.ine.pt) as relevantes estatísticas sobre Contas Nacionais Trimestrais, Índice de Produção Industrial, Inquérito ao Emprego, Índice de Custo do Trabalho, Índice de Preços no Consumidor, Índice de Preços na Produção Industrial, Comércio Internacional e Estimativas da População Residente.

A informação estatística abrangida pelo SDDS relativa a Portugal é compilada pelo Ministério das Finanças, pelo Instituto Nacional de Estatística, pela Bolsa de Valores de Lisboa e pelo Banco de Portugal.

## Título

Estatísticas do Emprego 2012

## Editor

Instituto Nacional de Estatística, I.P.  
Av. António José de Almeida  
1000-043 Lisboa  
Portugal  
Telefone: 21 842 61 00  
Fax: 21 844 04 01

## Presidente do Conselho Diretivo

Alda de Caetano Carvalho

## Design e Composição

Instituto Nacional de Estatística, I.P.

ISSN 0872-7570

Depósito Legal nº 77257/94

Periodicidade Trimestral

O INE, I.P. na Internet

**[www.ine.pt](http://www.ine.pt)**



**808 201 808**

© INE, I.P., Lisboa · Portugal, 2012\*

\* A reprodução de quaisquer páginas desta obra é autorizada, exceto para fins comerciais, desde que mencionando o INE, I.P., como autor, o título da obra, o ano de edição, e a referência Lisboa-Portugal.

**ESTATÍSTICAS DO EMPREGO – 2º TRIMESTRE DE 2012****ÍNDICE**

Resumo – <i>Summary</i> .....	2
Nota introdutória.....	3
Sinais convencionais, símbolos, siglas, abreviaturas e esclarecimentos aos utilizadores .....	4
1. Análise dos resultados .....	5
1.1. População ativa .....	5
1.2. População empregada.....	5
1.3. População desempregada.....	7
1.4. População inativa.....	8
1.5. Fluxos trimestrais entre estados do mercado de trabalho.....	8
1.6. Regiões NUTS II.....	10
2. Quadros de resultados .....	11
3. Notas metodológicas.....	26
4. Conceitos .....	29
5. Outra informação disponível.....	32
6. Tema em análise: Indicadores suplementares do desemprego: três indicadores novos disponibilizados pelo INE...	34

## RESUMO – SUMMARY

De acordo com os resultados do Inquérito ao Emprego do 2º trimestre de 2012, a população ativa diminuiu 0,9% em relação ao trimestre homólogo de 2011 e aumentou 0,6% em relação ao trimestre anterior (o que corresponde a 52,8 mil e 33,5 mil indivíduos, respetivamente). Para o decréscimo homólogo registado destacam-se os seguintes resultados: a diminuição no número de ativos do sexo masculino (34,5 mil), dos 25 aos 34 anos (65,5 mil) e com nível de escolaridade completo correspondente, no máximo, ao ensino básico – 3º ciclo (189,2 mil). A taxa de atividade da população em idade ativa (15 e mais anos) foi de 61,2%.

A população empregada diminuiu 4,2% em relação ao trimestre homólogo de 2011 (204,8 mil indivíduos) e aumentou 0,6% em relação ao trimestre anterior (25,7 mil). Para o decréscimo homólogo referido contribuíram os seguintes resultados: a diminuição no número de empregados do sexo masculino (123,4 mil), dos 25 aos 34 anos (116,4 mil), que completaram, no máximo, o 3º ciclo do ensino básico (248,1 mil), a trabalhar nos setores da Indústria, construção, energia e água (137,3 mil) e dos serviços (70,6 mil), por conta de outrem (194,0 mil) e a tempo completo (247,8 mil). A taxa de emprego (15 e mais anos) fixou-se nos 52,0%.

O número de desempregados foi estimado em 826,9 mil. A população desempregada aumentou 22,5% em relação ao trimestre homólogo de 2011 (151,9 mil indivíduos) e 0,9% em relação ao trimestre anterior (7,6 mil). Para o acréscimo homólogo do desemprego contribuíram os seguintes resultados: o aumento no número de desempregados do sexo masculino (88,9 mil), dos 25 aos 34 anos (50,8 mil) e com 45 e mais anos (43,9 mil), com nível de escolaridade completo correspondente ao ensino secundário e pós-secundário (66,2 mil), à procura de novo emprego (136,7 mil), cujo ramo da última atividade pertencia ao setor dos serviços (85,0 mil), e à procura de emprego há menos de 12 meses (81,1 mil). A taxa de desemprego foi de 15,0%, tendo aumentado 2,9 pontos percentuais em relação ao trimestre homólogo de 2011 e 0,1 pontos percentuais em relação ao trimestre anterior.

A população inativa com 15 e mais anos aumentou 0,9% em relação ao trimestre homólogo de 2011 (30,3 mil indivíduos) e diminuiu 1,0% em relação ao trimestre anterior (36,3 mil). A taxa de inatividade (15 e mais anos) foi de 38,8%.

According to the Labour Force Survey results for the 2<sup>nd</sup> quarter of 2012, the labour force decreased by 0.9 per cent from the same quarter of 2011 and increased by 0.6 per cent from the previous one (corresponding to 52.8 and 33.5 thousand individuals, respectively). For the year-on-year decrease, the following results stand out: the decrease in the number of active men (34.5 thousand), aged 25 to 34 (65.5 thousand), and who completed the first or the second stages of basic education (189.2 thousand). The working age participation rate (15 years old and over) was 61.2 per cent.

The employed population decreased by 4.2 per cent from the same quarter of 2011 (204.8 thousand individuals) and increased by 0.6 per cent from the previous quarter (25.7 thousand). Concerning the year-on-year decrease, the following results stand out: the decrease in the number of men employed (123.4 thousand), aged 25 to 34 (116.4 thousand), who completed the first or the second stages of basic education (248.1 thousand), who were working in the manufacturing, electricity, gas and water supply (137.3 thousand) and services (70.6 thousand) sectors, as employees (194.0 thousand), and working full-time (247.8 thousand). The employment rate (15 years old and over) was 52.0 per cent.

The number of unemployed was estimated to be 826.9 thousand. The unemployed population increased by 22.5 per cent from the same quarter of 2011 (151.9 thousand individuals) and by 0.9 per cent from the previous quarter (7.6 thousand). The following results contributed most for the year-on-year increase of the unemployment: the increase in the number of men unemployed (88.9 thousand), aged 25 to 34 (50.8 thousand) and 45 and over (43.9 thousand), who completed the (upper) secondary and post-secondary non-tertiary level of education (66.2 thousand), who were seeking for a new job (136.7 thousand), coming from the services sector (85.0 thousand), and who were seeking for a job for less than 12 months (81.1 thousand). The unemployment rate was 15.0 per cent, up 2.9 percentage points from the same quarter of 2011 and 0.1 percentage points from the previous quarter.

The inactive population of 15 years old and over increased by 0.9 per cent from the same quarter of 2011 (30.3 thousand individuals) and decreased by 1.0 per cent from the previous quarter (36.3 thousand). The inactivity rate (15 years old and over) was 38.8 per cent.

## **NOTA INTRODUTÓRIA**

Nesta publicação estão reunidas as principais estimativas obtidas a partir do Inquérito ao Emprego realizado durante o 2º trimestre de 2012.

Faz-se notar que o Inquérito ao Emprego é uma operação estatística realizada por amostragem, cujas estimativas têm associadas margens de erro que são apresentadas sob a forma de coeficientes de variação. O INE divulga, juntamente com as estimativas, os coeficientes de variação que lhes estão associados (cf. descrito no capítulo 3. Notas Metodológicas), no sentido de fornecer aos utilizadores indicações sobre o grau de precisão dos resultados divulgados. Por outro lado, sublinha-se também que os valores de baixa expressão quantitativa devem ser objeto de análise cuidada.

O INE expressa os seus agradecimentos a todos quantos permitiram a elaboração da presente publicação, nomeadamente às famílias que responderam ao inquérito. Igualmente se agradecem, antecipadamente, quaisquer críticas e sugestões que permitam melhorar futuras edições.

14 de agosto de 2012

## SINAIS CONVENCIONAIS, SIGLAS E ABREVIATURAS

### Sinais convencionais

o	Dado inferior a metade do módulo da unidade utilizada
x	Dado não disponível
*	Dado retificado
%	Percentagem
-	Resultado nulo

### Siglas e abreviaturas

CAE-Rev. 3	Classificação Portuguesa das Atividades Económicas, Revisão 3
CPP-10	Classificação Portuguesa de Profissões, Versão 2010
C.V.	Coefficiente de variação
H	Homens
HM	Homens e mulheres
M	Mulheres
NS/NR	Não sabe / Não responde
NUTS	Nomenclatura das Unidades Territoriais para fins Estatísticos
Nº	Número
T	Trimestre
p.p.	Pontos percentuais
Unid.	Unidade

## ESCLARECIMENTOS AOS UTILIZADORES

### Notas gerais:

- Por razões de arredondamento, os totais dos quadros do capítulo 2 podem não corresponder à soma das parcelas.
- Os quadros apresentados no capítulo 2 encontram-se disponíveis, em formato Excel e CSV, em: [http://www.ine.pt/portal/page/portal/PORTAL\\_INE/Publicacoes](http://www.ine.pt/portal/page/portal/PORTAL_INE/Publicacoes) (selecionando Estatísticas do Emprego – 2º trimestre de 2012). No 4º trimestre de cada ano, são também disponibilizados quadros contendo informação anual.

### Unidade Orgânica responsável pela realização desta publicação:

Departamento de Estatísticas Demográficas e Sociais – Serviço de Estatísticas do Mercado de Trabalho.

## 1. ANÁLISE DOS RESULTADOS

### 1.1. População ativa

(Quadros 2 e 3)

**Homens, indivíduos dos 25 aos 34 anos e com nível de escolaridade correspondente ao ensino básico foram os que mais contribuíram para o decréscimo homólogo da população ativa no 2º trimestre de 2012**

A população ativa em Portugal, no 2º trimestre de 2012, estimada em 5 515,2 mil indivíduos, diminuiu 0,9% face ao trimestre homólogo do ano anterior (abrangendo 52,8 mil indivíduos) e aumentou 0,6% face ao trimestre anterior (33,5 mil).

No Gráfico 1, apresenta-se a decomposição da variação homóloga da população ativa nas suas várias componentes: população empregada e desempregada, sexo, quatro grupos etários e três níveis de escolaridade completos. A sua leitura<sup>1</sup> permite obter uma perceção imediata da parte que cada componente representa naquela variação, uma vez que a soma dos contributos das componentes de cada um dos grupos populacionais iguala a variação homóloga da população ativa (representada pela barra de cor mais escura). Por exemplo, a população empregada diminuiu 204,8 mil indivíduos e a desempregada aumentou 151,9 mil indivíduos, explicando a diminuição na população ativa de 52,8 mil indivíduos. Destes valores decorre que a taxa de variação homóloga da população ativa (-0,9%) pode ser obtida pela soma dos dois contributos seguintes – a diminuição da população empregada (cujo contributo foi de -3,7 pontos percentuais, p.p.) e o aumento da população desempregada (cujo contributo foi de 2,7 p.p.) – independentemente da taxa de variação trimestral que cada um destes grupos populacionais tenha registado.

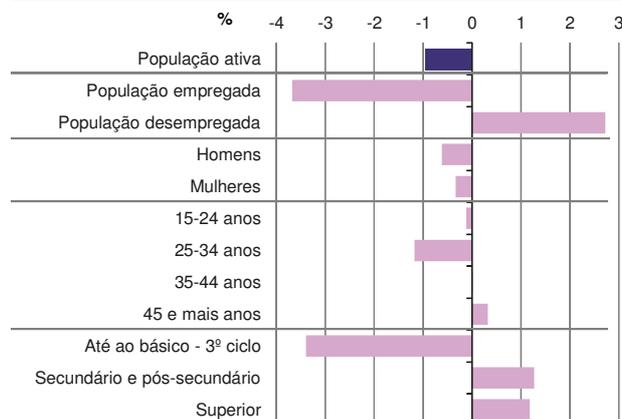
Numa análise por sexo, a redução homóloga da oferta de mão de obra foi explicada essencialmente pela diminuição do número de homens ativos (34,5 mil indivíduos), que explicou 65,3% da redução total da população ativa.

Por grupo etário, verificam-se aumentos da população ativa dos grupos etários a partir dos 35 anos e uma diminuição da população ativa dos dois grupos etários anteriores. Em particular, destaca-se a diminuição da população ativa dos 25 aos 35 anos (65,5 mil).

O número de ativos com nível de escolaridade completo correspondente, no máximo, ao 3º ciclo do ensino básico diminuiu 5,5% (189,2 mil indivíduos). O número daqueles que possuem uma qualificação correspondente ao ensino secundário e pós-secundário aumentou 6,4% (70,9 mil) e

o número de ativos com ensino superior aumentou 6,6% (65,6 mil).

**Gráfico 1: Contributos para a taxa de variação homóloga da população ativa no 2º trimestre de 2012**



A taxa de atividade da população em idade ativa (15 e mais anos) foi de 61,2%, no 2º trimestre de 2012. Este valor é inferior ao registado no trimestre homólogo de 2011, em 0,4 p.p., e superior ao registado no trimestre anterior, em 0,4 p.p..

A taxa de atividade dos homens em idade ativa (67,4%) excedeu a das mulheres (55,5%) em 11,9 p.p.. A taxa de atividade dos jovens (15 a 24 anos), que ascendeu a 37,2%, corresponde a menos de metade das taxas dos dois grupos etários seguintes: 25 a 34 anos e 35 a 44 anos (cujos valores se situaram em 91,1% e 90,7%, respetivamente).

### 1.2. População empregada

(Quadros 4 a 8)

**Homens, indivíduos dos 25 aos 34 anos, com nível de escolaridade correspondente ao ensino básico, a trabalhar por conta de outrem e a tempo completo foram os que mais contribuíram para o decréscimo homólogo da população empregada no 2º trimestre de 2012**

A população empregada, estimada em 4 688,2 mil indivíduos no 2º trimestre de 2012, registou um decréscimo homólogo de 4,2% (204,8 mil indivíduos) e um acréscimo trimestral de 0,6% (25,7 mil). O número de homens empregados diminuiu 4,8% (123,4 mil) face ao trimestre homólogo e o de mulheres diminuiu 3,5% (81,4 mil). Face ao trimestre anterior, o emprego de homens aumentou 0,4% (10,0 mil) e o de mulheres 0,7% (15,7 mil).

<sup>1</sup> Consultar o capítulo 4 (Conceitos).

A população empregada por conta de outrem em Portugal era de 3 668,9 mil indivíduos, o que corresponde a 78,3% da população empregada total.

Face ao trimestre homólogo de 2011, assistiu-se a uma diminuição do número de trabalhadores por conta de outrem de 5,0% (194,0 mil indivíduos). Face ao trimestre anterior, assistiu-se a um aumento de 0,2% (6,7 mil). A diminuição homóloga da população empregada por conta de outrem ocorreu essencialmente para os homens (5,9%; 115,0 mil), já que a diminuição registada para as mulheres foi menor (4,1%; 79,0 mil). O aumento trimestral da população empregada por conta de outrem ocorreu apenas para os homens (0,5%; 9,2 mil), enquanto que para as mulheres se observou uma ligeira diminuição (0,1%; 2,5 mil).

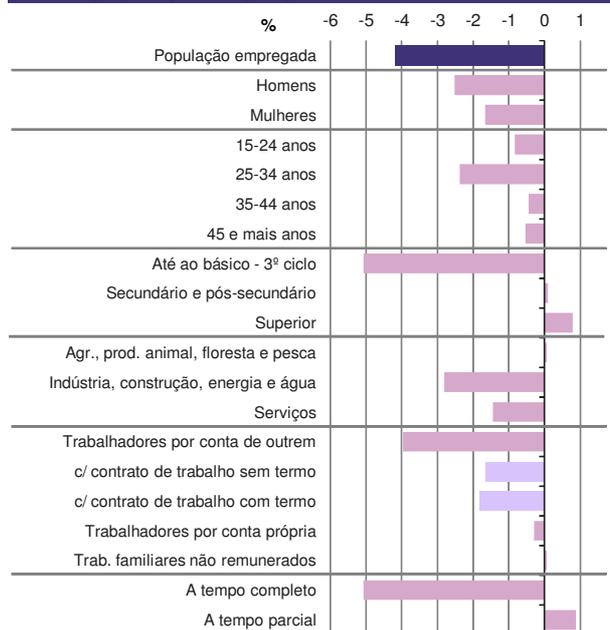
A taxa de emprego (15 e mais anos) situou-se em 52,0%, no 2º trimestre de 2012. Este valor foi inferior ao observado no trimestre homólogo de 2011, em 2,2 p.p., e superior ao do trimestre anterior, em 0,3 p.p.. A taxa de emprego dos homens (57,3%), no trimestre em análise, excedeu a das mulheres (47,2%) em 10,1 p.p..

Para a evolução homóloga da população empregada contribuíram as seguintes componentes (Gráfico 2):

- População empregada de homens, que diminuiu 4,8% (123,4 mil indivíduos) e explicou 60,3% da variação da população empregada total.
- População empregada de todos os grupos etários, mas sobretudo dos 25 aos 34 anos, que registou um decréscimo de 9,6% (116,4 mil).
- População empregada com nível de escolaridade completo correspondente, no máximo, ao 3º ciclo do ensino básico, cujo decréscimo foi de 8,2% e abrangeu 248,1 mil indivíduos. A população empregada com nível de escolaridade correspondente ao ensino secundário e pós-secundário e ao ensino superior aumentou 0,5% e 4,3%, respetivamente (abrangendo 4,6 mil e 38,7 mil indivíduos).
- População empregada nos setores de atividade da indústria, construção, energia e água e dos serviços. No setor da indústria, construção, energia e água, a população empregada diminuiu 10,2% (137,3 mil indivíduos). Neste setor, a maior parte do decréscimo do emprego foi explicado pelo decréscimo que ocorreu na população empregada na construção, que abrangeu 80,8 mil indivíduos. No setor dos serviços, o emprego diminuiu 2,3% (70,6 mil), sendo de destacar a diminuição da população empregada nas atividades de consultoria, científicas, técnicas e similares (19,9%; 35,6 mil), comércio por grosso e a retalho (3,2%; 22,8 mil), e de transportes e armazenagem (8,2%; 15,0 mil). No setor da agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca, por seu turno, a população empregada aumentou ligeiramente (0,6%; 3,1 mil).

- Trabalhadores por conta de outrem (5,0%; 194,0 mil indivíduos). O contributo da redução do número de trabalhadores por conta própria foi menor, abrangendo 14,0 mil indivíduos. De entre os trabalhadores por conta de outrem, diminuiu tanto o número daqueles que tinham um contrato de trabalho sem termo (2,7%; 80,4 mil) como dos que tinham um contrato de trabalho com termo (12,2%; 89,0 mil).
- Trabalhadores a tempo completo, cujo número diminuiu 5,8% (247,8 mil indivíduos). Por seu turno, o número de trabalhadores a tempo parcial aumentou 6,8% (43,0 mil).

**Gráfico 2: Contributos para a taxa de variação homóloga da população empregada no 2º trimestre de 2012**



O subemprego de trabalhadores a tempo parcial abrangia, no 2º trimestre de 2012, 261,0 mil indivíduos, o que corresponde a 5,6% da população empregada total e 38,6% da população empregada a tempo parcial nesse trimestre.<sup>2</sup>

O subemprego de trabalhadores a tempo parcial aumentou 23,5% face ao trimestre homólogo de 2011 e 2,0% face ao trimestre anterior. Estas variações envolveram 49,6 mil e 5,2 mil indivíduos, respetivamente. No 2º trimestre de 2012, o subemprego de trabalhadores a tempo parcial era composto maioritariamente por mulheres (60,9%).

<sup>2</sup> A difusão regular do indicador “subemprego de trabalhadores a tempo parcial” vem substituir a difusão do indicador “subemprego visível”. Consultar o capítulo 4 (Conceitos) para uma definição mais detalhada do indicador novo apresentado. Consultar o capítulo 6 (Tema em análise) para a explicação da substituição referida.

### 1.3. População desempregada

(Quadros 9 a 13)

**No 2º trimestre de 2012, o acréscimo homólogo do desemprego abrangeu principalmente homens, indivíduos dos 25 aos 34 anos, com nível de escolaridade correspondente ao ensino secundário e pós-secundário, à procura de novo emprego e à procura de emprego há menos de 12 meses**

A população desempregada em Portugal, estimada em 826,9 mil indivíduos no 2º trimestre de 2012, verificou um acréscimo homólogo de 22,5% (151,9 mil indivíduos) e trimestral de 0,9% (7,6 mil).

A taxa de desemprego foi de 15,0%, no 2º trimestre de 2012, traduzindo um acréscimo de 2,9 p.p. face ao trimestre homólogo de 2011 e de 0,1 p.p. face ao trimestre anterior.

A taxa de desemprego dos homens (15,1%), no trimestre em análise, foi superior à das mulheres (14,9%), em 0,2 p.p.. A taxa de desemprego dos homens aumentou face ao trimestre homólogo de 2011 (3,2 p.p.) e face ao anterior (0,3 p.p.). A taxa de desemprego das mulheres aumentou face ao trimestre homólogo de 2011 (2,5 p.p.), mas diminuiu face ao anterior (0,2 p.p.).

A taxa de desemprego de jovens (15 a 24 anos) foi de 35,5%, valor superior ao observado no trimestre homólogo de 2011, em 8,5 p.p., e inferior ao observado no trimestre anterior, em 0,7 p.p.. O número de desempregados jovens representava 18,1% do total de desempregados, percentagem superior à do trimestre homólogo do ano anterior (17,1%) e inferior à do trimestre anterior (18,8%).

A taxa de desemprego dos indivíduos com nível de escolaridade completo correspondente, no máximo, ao 3º ciclo do ensino básico foi de 15,9%, no 2º trimestre de 2012, valor inferior ao observado para os indivíduos com ensino secundário e pós-secundário (16,8%), mas bastante superior ao observado para os indivíduos com nível de ensino superior (10,2%). A taxa de desemprego dos indivíduos com nível de escolaridade correspondente, no máximo, ao 3º ciclo do ensino básico aumentou 2,6 p.p. face ao trimestre homólogo de 2011 e 0,5 p.p. face ao trimestre anterior. A taxa de desemprego dos indivíduos com nível de escolaridade correspondente ao ensino secundário e pós-secundário aumentou 4,9 p.p. face ao trimestre homólogo e diminuiu 0,1 p.p. face ao trimestre anterior. A taxa de desemprego dos indivíduos com ensino superior aumentou 2,1 p.p. face ao trimestre homólogo e diminuiu 1,0 p.p. face ao trimestre anterior.

O número de desempregados à procura de emprego há 12 e mais meses – desemprego de longa duração – aumentou 19,1% face ao trimestre homólogo de 2011 (71,0 mil indivíduos) e 6,5% face ao trimestre anterior (27,1 mil). O número de desempregados à procura de emprego há menos de 12 meses aumentou 26,8% face

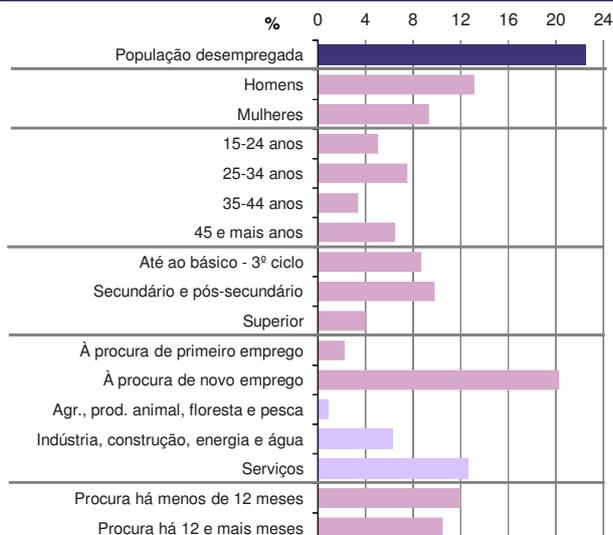
ao trimestre homólogo (81,1 mil) e diminuiu 4,8% face ao anterior (19,3 mil).

A taxa de desemprego de longa duração (medida pela razão entre o número de desempregados à procura de emprego há 12 e mais meses e a população ativa) registou um valor de 8,0%, no 2º trimestre de 2012. A proporção de desempregados à procura de emprego há 12 e mais meses no total dos desempregados foi estimada em 53,6%.

De forma resumida, pode concluir-se que para a variação homóloga da população desempregada contribuíram as variações nos seguintes agregados (Gráfico 3):

- Desemprego de homens, que aumentou 25,5% (88,9 mil indivíduos) e explicou 58,5% do aumento global do desemprego.
- Desemprego de indivíduos de todos os grupos etários, sobretudo daqueles dos 25 aos 34 anos, cujo aumento se situou em 27,6% (50,8 mil indivíduos), e com 45 e mais anos, cujo aumento se situou em 20,1% (43,9 mil),
- População desempregada com um nível de escolaridade correspondente ao ensino secundário e pós-secundário, cujo aumento foi de 50,3% (abrangendo 66,2 mil indivíduos), e com nível de escolaridade correspondente, no máximo, ao 3º ciclo do ensino básico (12,7%; 58,7 mil). O aumento do desemprego dos indivíduos com ensino superior contribuiu menos para o aumento global do desemprego (33,5%; 27,0 mil).
- Desempregados à procura de novo emprego, cujo número aumentou 22,5% (136,7 mil indivíduos). O número de desempregados à procura de primeiro emprego também aumentou (22,8%; 15,2 mil), embora o seu contributo para o aumento global do desemprego tivesse sido menor. O aumento no número de desempregados à procura de novo emprego teve origem essencialmente no setor dos serviços, onde se assistiu a um acréscimo de 25,1% (85,0 mil).
- Desempregados à procura de emprego há menos de 12 meses, cujo número aumentou 26,8% (81,1 mil indivíduos) e explicou 53,4% do aumento global do desemprego.

O aumento trimestral da população desempregada foi explicado essencialmente pelas variações ocorridas nos seguintes grupos populacionais: aumento no número de homens desempregados; aumento no número de indivíduos desempregados com 45 e mais anos; aumento no número de indivíduos desempregados com nível de escolaridade completo correspondente, no máximo, ao 3º ciclo do ensino básico; aumento no número de indivíduos à procura de novo emprego provenientes sobretudo do sector da indústria, construção, energia e água; aumento no número de desempregados à procura de emprego há 12 e mais meses.

**Gráfico 3: Contributos para a taxa de variação homóloga da população desempregada no 2º trimestre de 2012**

#### 1.4. População inativa

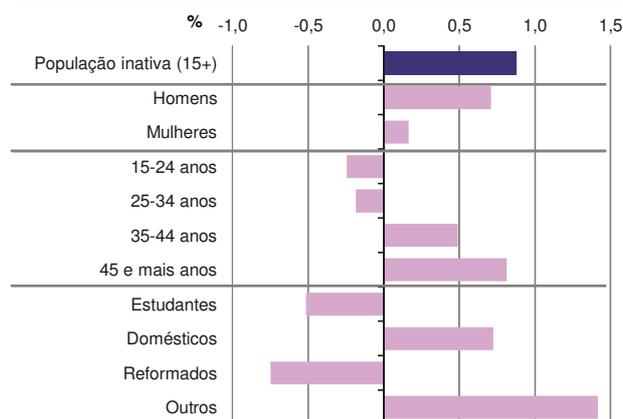
(Quadro 14)

**Homens e indivíduos com 45 e mais anos foram os grupos populacionais que mais contribuíram para o aumento homólogo da população inativa com 15 e mais anos no 2º trimestre de 2012**

A população inativa em Portugal, composta por 5 085,6 mil indivíduos no 2º trimestre de 2012, aumentou 0,2% face ao trimestre homólogo de 2011 (10,3 mil indivíduos) e diminuiu 0,8% face ao trimestre anterior (39,4 mil).

A população inativa com 15 e mais anos era composta por 3 495,9 mil indivíduos no 2º trimestre de 2012 (68,7% do total de inativos), o que se traduziu numa taxa de inatividade de 38,8%.

Face ao 2º trimestre de 2011, a população inativa com 15 e mais anos aumentou 0,9% (30,3 mil indivíduos). O número de inativos aumentou mais para os homens (1,8%; 24,6 mil) do que para as mulheres (0,3%; 5,7 mil). Face ao trimestre anterior, a população inativa com 15 e mais anos diminuiu 1,0% (36,3 mil), sendo que diminuiu 1,5% para os homens (22,1 mil) e 0,7% para as mulheres (14,2 mil). No 2º trimestre de 2012, 59,8% da população inativa com 15 e mais anos era composta por mulheres.

**Gráfico 4: Contributos para a taxa de variação homóloga da população inativa com 15 e mais anos no 2º trimestre de 2012**

O número de inativos à procura de emprego mas não disponíveis para trabalhar era de 37,7 mil, tendo aumentado 19,3% face ao trimestre homólogo de 2011 (6,1 mil indivíduos) e 21,2% face ao trimestre anterior (6,6 mil).<sup>3</sup> O número de inativos à procura de emprego mas não disponíveis, no trimestre em análise, representava 1,1% da população inativa com 15 e mais anos e 57,0% eram mulheres.

O número de inativos disponíveis mas que não procuram emprego era de 217,4 mil, tendo aumentado 47,2% face ao trimestre homólogo de 2011 (69,7 mil indivíduos) e 7,6% face ao trimestre anterior (15,3 mil). O número de inativos disponíveis mas que não procuram emprego, no trimestre em análise, representava 6,2% da população inativa com 15 e mais anos e 58,3% eram mulheres.

#### 1.5. Fluxos trimestrais entre estados do mercado de trabalho

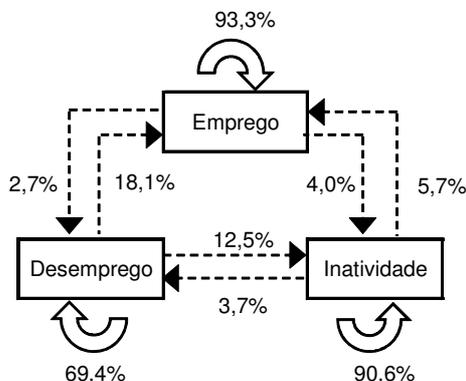
Neste capítulo, apresenta-se uma análise dos fluxos de indivíduos com 15 e mais anos, ocorridos entre o 1º e o 2º trimestres de 2012, entre três estados do mercado de trabalho que correspondem às diferentes condições perante o trabalho: emprego, desemprego e inatividade. Estes fluxos são estimados tendo por referência as respostas dos indivíduos entrevistados naqueles dois trimestres, o que corresponde a utilizar 5/6 da amostra do Inquérito ao Emprego comum nos dois trimestres.

Os valores relativos aos fluxos de indivíduos, ocorridos entre dois quaisquer estados, que são apresentados no diagrama e no Quadro A, correspondem às proporções de indivíduos que inicialmente se encontravam em cada

<sup>3</sup> A difusão regular dos indicadores “inativos à procura de emprego mas não disponíveis” e “inativos disponíveis mas que não procuram emprego” vem substituir a difusão dos indicadores “inativos desencorajados” e “inativos disponíveis”. Consultar o capítulo 4 (Conceitos) para uma definição mais detalhada dos indicadores novos apresentados. Consultar o capítulo 6 (Tema em análise) para a explicação das substituições referidas.

estado, no 1º trimestre de 2012, que transitaram para outro estado, no 2º trimestre de 2012. Assim sendo, em cada linha do quadro está representada a distribuição, no 2º trimestre de 2012, dos indivíduos que se encontravam em cada um dos estados no 1º trimestre de 2012.

**Fluxos trimestrais entre estados do mercado de trabalho (em % do estado inicial)**



Do 1º para o 2º trimestre de 2012, 2,7% dos indivíduos que estavam inicialmente empregados transitaram para o desemprego e 4,0% transitaram para a inatividade, totalizando 6,7% a proporção de empregados que saíram deste estado no 2º trimestre de 2012 (93,3% permaneceram empregados). Do 4º trimestre de 2011 para o 1º trimestre de 2012, a percentagem dos que saíram do emprego tinha sido maior (7,7%).

As saídas do desemprego entre os dois trimestres foram, em termos relativos, mais intensas do que as saídas do emprego. Do total de indivíduos que se encontravam desempregados no 1º trimestre de 2012, 30,6% saíram dessa situação no 2º trimestre de 2012, sendo que 18,1% se tornaram empregados e 12,5% transitaram para a inatividade. A percentagem de indivíduos que transitaram do desemprego para o emprego foi maior do que a observada nos fluxos do 4º trimestre de 2011 para o 1º trimestre de 2012 (tinha sido de 16,9%). A percentagem de indivíduos que passaram para uma situação de inatividade foi menor do que a observada nos fluxos do 4º trimestre de 2011 para o 1º trimestre de 2012 (tinha sido de 13,8%).

Do total de indivíduos com 15 e mais anos que eram considerados inativos no 1º trimestre de 2012, 5,7% transitaram para o emprego e 3,7% transitaram para o desemprego, no 2º trimestre de 2012. Os fluxos correspondentes do 4º trimestre de 2011 para o 1º trimestre de 2012 foram semelhantes (5,8% e 3,6%, respetivamente).

**Quadro A: Fluxos trimestrais entre estados do mercado de trabalho (em % do estado inicial)**

1ºt2012	2ºt2012	Emprego	Desemprego	Inatividade	1ºt2012
<b>Total</b>					
Emprego		93,3	2,7	4,0	100
Desemprego		18,1	69,4	12,5	100
Inatividade		5,7	3,7	90,6	100
<b>Total 2ºt2012</b>		<b>52,5</b>	<b>8,9</b>	<b>38,6</b>	<b>100</b>
<b>Homens</b>					
Emprego		93,2	2,9	3,9	100
Desemprego		19,7	69,7	10,6	100
Inatividade		7,4	4,1	88,5	100
<b>Total 2ºt2012</b>		<b>57,9</b>	<b>9,6</b>	<b>32,6</b>	<b>100</b>
<b>Mulheres</b>					
Emprego		93,4	2,5	4,1	100
Desemprego		16,5	69,1	14,4	100
Inatividade		4,5	3,4	92,1	100
<b>Total 2ºt2012</b>		<b>47,5</b>	<b>8,3</b>	<b>44,1</b>	<b>100</b>

Os homens apresentaram, no período em análise, em relação às mulheres, maiores taxas de saída da inatividade (com destino ao emprego ou ao desemprego), de permanência no desemprego e de transição entre o emprego e desemprego. Por seu turno, as mulheres apresentaram maiores taxas de saída do emprego e do desemprego com destino à inatividade e de permanência no emprego e na inatividade.

No Quadro B apresentam-se os fluxos trimestrais entre os mesmos estados considerados anteriormente, mas em proporção da população em idade ativa (população com 15 e mais anos). A imposição de um denominador comum a todas as transições entre estados permite calcular fluxos líquidos entre estados (entradas menos saídas de cada estado, em percentagem da população em idade ativa).

Do 1º para o 2º trimestre de 2012, os fluxos do emprego para o desemprego representavam 1,43% da população em idade ativa, menos do que aquilo que representavam os fluxos do emprego para a inatividade (2,07%), perfazendo um total de 3,50% de saídas do emprego (em percentagem da população em idade ativa). As entradas no emprego provenientes do desemprego foram estimadas em 1,58% da população em idade ativa e as provenientes da inatividade em 2,23%. Em consequência, entre os dois trimestres assistiu-se a um fluxo líquido positivo no emprego de 0,31%.

O aumento líquido no emprego foi observado para ambos os sexos, mas mais intensamente para os homens. Este fluxo foi estimado em 0,37% da população em idade ativa para os homens e em 0,25% para as mulheres.

O fluxo líquido do desemprego foi positivo (estimado em 0,19% da população em idade ativa), o que resulta do total de entradas (2,86%) ter sido superior ao total das saídas (2,67%). A proporção das entradas no desemprego de indivíduos provenientes do emprego (1,43% da população em idade ativa) foi ligeiramente inferior à de indivíduos anteriormente inativos (1,44%). As saídas do desemprego para emprego (1,58%) foram

superiores às que tiveram como destino a inatividade (1,09%).

Quadro B: Fluxos trimestrais entre estados do mercado de trabalho (em % da população com 15 e mais anos)					
	2º2012	Emprego	Desemprego	Inatividade	Fluxos de saída
1º2011					
<b>Total</b>					
Emprego		48,68	1,43	2,07	<b>3,50</b>
Desemprego		1,58	6,05	1,09	<b>2,67</b>
Inatividade		2,23	1,44	35,44	<b>3,67</b>
<b>Fluxos de entrada</b>		<b>3,81</b>	<b>2,86</b>	<b>3,16</b>	
<b>Homens</b>					
Emprego		53,56	1,68	2,24	<b>3,92</b>
Desemprego		1,84	6,52	0,99	<b>2,84</b>
Inatividade		2,46	1,37	29,33	<b>3,83</b>
<b>Fluxos de entrada</b>		<b>4,30</b>	<b>3,05</b>	<b>3,24</b>	
<b>Mulheres</b>					
Emprego		44,19	1,19	1,92	<b>3,11</b>
Desemprego		1,34	5,62	1,17	<b>2,52</b>
Inatividade		2,02	1,50	41,06	<b>3,52</b>
<b>Fluxos de entrada</b>		<b>3,36</b>	<b>2,69</b>	<b>3,09</b>	

Do 1º para o 2º trimestre de 2012, há ainda a assinalar as seguintes diferenças por sexo nos fluxos líquidos dos estados do emprego, do desemprego e da inatividade: o fluxo do emprego é mais positivo para os homens do que para as mulheres; o fluxo do desemprego é mais positivo para os homens do que para as mulheres; o fluxo da inatividade é mais negativo para os homens do que para as mulheres.

## 1.6. Regiões NUTS II

(Quadros 15 e 16)

**No 2º trimestre de 2012, o desemprego aumentou e o emprego diminuiu, face ao trimestre homólogo, em todas as regiões NUTS II do país. O maior decréscimo no número de empregados e o maior acréscimo no número de desempregados ocorreram em Lisboa**

No 2º trimestre de 2012, a população ativa residente em Portugal diminuiu 0,9% (52,8 mil indivíduos) face ao trimestre homólogo de 2011. Esta redução resultou essencialmente da diminuição da população ativa nas regiões NUTS II Lisboa (17,2 mil) e Norte (12,2 mil).

As duas componentes da população ativa, emprego e desemprego, evoluíram de forma semelhante em todas as regiões (Gráfico 5).

Na região Norte, o número de empregados diminuiu 3,5% face ao trimestre homólogo de 2011 (60,8 mil indivíduos) e o número de desempregados aumentou (19,4%; 48,6 mil). A conjugação da evolução destes dois agregados determinou o aumento na taxa de desemprego da região, de 12,6%, no 2º trimestre de 2011, para 15,2%, no 2º

trimestre de 2012. O número de residentes na região Norte na situação de desemprego, no 2º trimestre de 2012, era de 299,6 mil indivíduos e o de empregados era de 1 676,8 mil.

No 2º trimestre de 2012, a região Centro registou uma diminuição na população empregada de 2,7% (31,1 mil indivíduos) face ao trimestre homólogo de 2011 e um aumento na população desempregada de 16,7% (20,3 mil). A taxa de desemprego aumentou, de 9,5%, no 2º trimestre de 2011, para 11,2%, no 2º trimestre de 2012.

Em Lisboa, a população empregada diminuiu 5,8% (72,1 mil indivíduos) face ao trimestre homólogo de 2011 e a população desempregada aumentou 28,1% (54,9 mil). A taxa de desemprego passou de 13,5%, no 2º trimestre de 2011, para 17,6%, no 2º trimestre de 2012. Esta região apresentava a maior taxa de desemprego do país, no 2º trimestre de 2012, e o maior acréscimo homólogo na taxa de desemprego do Continente (4,1 p.p.).

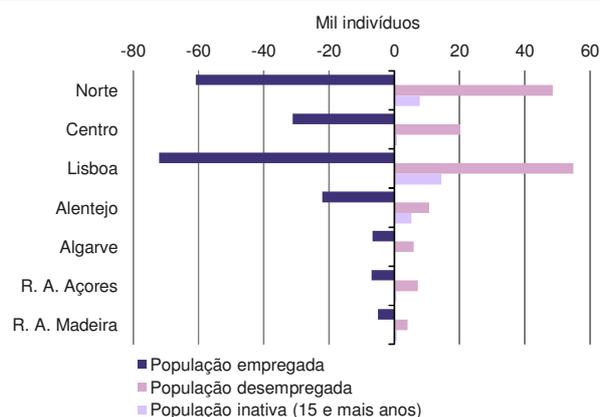
No Alentejo, a população empregada diminuiu 6,6% (22,1 mil indivíduos) face ao trimestre homólogo de 2011 e a população desempregada aumentou 24,0% (10,7 mil). A taxa de desemprego aumentou, passando de 11,8%, no 2º trimestre de 2011, para 15,0%, no 2º trimestre de 2012.

No Algarve, a população empregada diminuiu 3,4% (6,7 mil indivíduos) face ao trimestre homólogo de 2011 e a população desempregada aumentou 17,9% (6,0 mil). A taxa de desemprego passou de 14,7%, no 2º trimestre de 2011, para 17,4%, no 2º trimestre de 2012.

A população inativa com 15 e mais anos aumentou, face ao trimestre homólogo de 2011, em todas as regiões, tal como a taxa de inatividade. Os aumentos que mais se destacaram, na população inativa, em termos absolutos, foram os de Lisboa (14,4 mil indivíduos) e do Norte (7,8 mil).

As maiores taxas de inatividade pertenceram ao Alentejo, a Lisboa e à Região Autónoma dos Açores (42,7%, 40,1% e 40,0%, respetivamente) e as menores taxas foram registadas na Região Autónoma da Madeira (36,9%), no Norte (37,7%), no Centro (37,8%) e no Algarve (38,2%).

**Gráfico 5: Variação homóloga da população empregada, desempregada e inativa com 15 e mais anos por região NUTS II, no 2º trimestre de 2012**



## 2. QUADROS DE RESULTADOS

1. População total por grupo etário, sexo e nível de escolaridade completo.....	12
2. População ativa por grupo etário, sexo e nível de escolaridade completo.....	13
3. Taxa de atividade por grupo etário, sexo e nível de escolaridade completo.....	14
4. População empregada por grupo etário, sexo e nível de escolaridade completo.....	15
5. Taxa de emprego por grupo etário, sexo e nível de escolaridade completo.....	16
6. População empregada por setor de atividade principal (CAE-Rev. 3) e sexo.....	17
7. População empregada por profissão principal (CPP-10), situação na profissão e sexo.....	18
8. População empregada total e por conta de outrem por regime de duração do trabalho e sexo, população empregada por conta de outrem por tipo de contrato de trabalho e sexo e subemprego de trabalhadores...a tempo parcial por sexo.....	19
9. População desempregada por grupo etário, sexo e nível de escolaridade completo.....	20
10. Taxa de desemprego por grupo etário, sexo e nível de escolaridade completo.....	21
11. População desempregada por duração da procura de emprego.....	21
12. Taxas de desemprego por duração da procura de emprego.....	22
13. População desempregada à procura de primeiro emprego e de novo emprego por setor da última atividade (CAE-Rev. 3).....	22
14. População inativa.....	23
15. População total, ativa, empregada, desempregada e inativa por região NUTS II (NUTS-2002).....	24
16. Taxa de atividade, de emprego, de desemprego e de inatividade por região NUTS II (NUTS-2002).....	25

**Nota:** Estes quadros encontram-se disponíveis, em formato Excel e CSV, em:

[http://www.ine.pt/portal/page/portal/PORTAL\\_INE/Publicacoes](http://www.ine.pt/portal/page/portal/PORTAL_INE/Publicacoes) (selecionando Estatísticas do Emprego – 2º trimestre de 2012). No 4º trimestre de cada ano, são também disponibilizados quadros contendo informação anual.

1. População total por grupo etário, sexo e nível de escolaridade completo									
Portugal	Sexo	Valor trimestral					C.V.	Variação	
		2ºT-2011	3ºT-2011	4ºT-2011	1ºT-2012	2ºT-2012	2ºT-2012	Homóloga	Trimestral
		Milhares de indivíduos					%		
<b>População total</b>	<b>HM</b>	<b>10 643,3</b>	<b>10 648,7</b>	<b>10 653,8</b>	<b>10 606,7</b>	<b>10 600,8</b>	-	<b>-0,4</b>	<b>-0,1</b>
	<b>H</b>	<b>5 150,2</b>	<b>5 152,7</b>	<b>5 154,9</b>	<b>5 130,2</b>	<b>5 127,0</b>	-	<b>-0,5</b>	<b>-0,1</b>
	<b>M</b>	<b>5 493,1</b>	<b>5 496,0</b>	<b>5 498,9</b>	<b>5 476,5</b>	<b>5 473,8</b>	-	<b>-0,4</b>	<b>o</b>
População com 15 e mais anos	HM	9 033,6	9 039,7	9 045,5	9 013,9	9 011,1	-	-0,2	o
	H	4 324,7	4 327,6	4 330,2	4 316,2	4 314,8	-	-0,2	o
	M	4 708,9	4 712,1	4 715,4	4 697,8	4 696,3	-	-0,3	o
Menos de 15 anos	HM	1 609,7	1 609,0	1 608,2	1 592,8	1 589,7	-	-1,2	-0,2
	H	825,5	825,2	824,7	814,1	812,2	-	-1,6	-0,2
	M	784,2	783,8	783,5	778,7	777,5	-	-0,9	-0,2
Dos 15 aos 24 anos	HM	1 145,9	1 139,7	1 133,4	1 136,9	1 131,0	-	-1,3	-0,5
	H	585,7	582,7	579,6	579,7	576,6	-	-1,6	-0,5
	M	560,2	557,0	553,9	557,1	554,4	-	-1,0	-0,5
Dos 25 aos 34 anos	HM	1 536,8	1 529,6	1 522,2	1 477,3	1 464,9	-	-4,7	-0,8
	H	778,8	775,5	772,0	746,9	740,5	-	-4,9	-0,9
	M	758,0	754,1	750,2	730,4	724,4	-	-4,4	-0,8
Dos 35 aos 44 anos	HM	1 618,2	1 620,8	1 623,4	1 633,8	1 636,3	-	1,1	0,2
	H	808,5	810,3	811,9	817,1	818,7	-	1,3	0,2
	M	809,7	810,5	811,4	816,7	817,6	-	1,0	0,1
Dos 45 aos 64 anos	HM	2 795,9	2 805,4	2 814,7	2 803,8	2 809,7	-	0,5	0,2
	H	1 344,8	1 349,4	1 353,9	1 353,7	1 357,1	-	0,9	0,3
	M	1 451,2	1 456,0	1 460,8	1 450,2	1 452,5	-	0,1	0,2
Com 65 e mais anos	HM	1 936,8	1 944,3	1 951,7	1 962,1	1 969,2	-	1,7	0,4
	H	806,8	809,8	812,7	818,8	821,8	-	1,9	0,4
	M	1 129,9	1 134,5	1 139,0	1 143,3	1 147,4	-	1,5	0,4
Dos 15 aos 64 anos	HM	7 096,8	7 095,4	7 093,8	7 051,8	7 041,9	-	-0,8	-0,1
	H	3 517,8	3 517,8	3 517,4	3 497,4	3 493,0	-	-0,7	-0,1
	M	3 579,0	3 577,7	3 576,4	3 554,4	3 548,9	-	-0,8	-0,2
<b>Nível de escolaridade completo</b>									
<b>(15 e mais anos)</b>									
Até ao básico - 3º ciclo	HM	6 358,1	6 256,0	6 236,9	6 154,5	6 148,8	0,8	-3,3	-0,1
	H	3 124,6	3 063,3	3 060,0	3 023,6	3 020,4	0,9	-3,3	-0,1
	M	3 233,5	3 192,7	3 177,0	3 131,0	3 128,4	0,8	-3,3	-0,1
Secundário e pós-secundário	HM	1 495,9	1 552,6	1 567,1	1 600,2	1 575,5	1,7	5,3	-1,5
	H	725,1	750,4	743,9	762,5	752,5	2,4	3,8	-1,3
	M	770,9	802,2	823,2	837,6	823,0	2,1	6,8	-1,7
Superior	HM	1 179,5	1 231,0	1 241,6	1 259,2	1 286,8	3,3	9,1	2,2
	H	475,0	513,9	526,3	530,0	542,0	4,0	14,1	2,3
	M	704,5	717,2	715,2	729,2	744,8	3,2	5,7	2,1

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego - 2º trimestre de 2012.

2. População ativa por grupo etário, sexo e nível de escolaridade completo									
Portugal	Sexo	Valor trimestral					C.V.	Variação	
		2ºT-2011	3ºT-2011	4ºT-2011	1ºT-2012	2ºT-2012	2ºT-2012	Homóloga	Trimestral
		Milhares de indivíduos					%		
<b>População ativa</b>	<b>HM</b>	<b>5 568,0</b>	<b>5 543,4</b>	<b>5 506,5</b>	<b>5 481,7</b>	<b>5 515,2</b>	<b>0,4</b>	<b>- 0,9</b>	<b>0,6</b>
	<b>H</b>	<b>2 943,5</b>	<b>2 952,4</b>	<b>2 920,6</b>	<b>2 888,2</b>	<b>2 909,0</b>	<b>0,5</b>	<b>- 1,2</b>	<b>0,7</b>
	<b>M</b>	<b>2 624,5</b>	<b>2 591,0</b>	<b>2 585,8</b>	<b>2 593,5</b>	<b>2 606,1</b>	<b>0,6</b>	<b>- 0,7</b>	<b>0,5</b>
Dos 15 aos 24 anos	HM	427,7	460,6	441,4	426,7	421,3	2,2	- 1,5	- 1,3
	H	231,2	250,0	240,7	231,0	227,4	2,7	- 1,6	- 1,6
	M	196,5	210,6	200,8	195,7	193,9	3,3	- 1,3	- 0,9
Dos 25 aos 34 anos	HM	1 399,8	1 384,9	1 378,5	1 339,0	1 334,3	0,6	- 4,7	- 0,4
	H	721,4	721,1	707,6	685,8	685,2	0,7	- 5,0	- 0,1
	M	678,4	663,7	670,9	653,2	649,1	1,0	- 4,3	- 0,6
Dos 35 aos 44 anos	HM	1 483,0	1 464,4	1 465,5	1 484,6	1 484,1	0,6	0,1	0
	H	767,9	762,0	761,9	764,5	763,6	0,7	- 0,6	- 0,1
	M	715,1	702,4	703,6	720,1	720,5	0,9	0,8	0,1
Dos 45 aos 64 anos	HM	1 965,1	1 952,1	1 945,2	1 951,9	1 980,5	0,7	0,8	1,5
	H	1 040,4	1 039,8	1 034,2	1 035,5	1 052,1	0,8	1,1	1,6
	M	924,7	912,3	911,0	916,4	928,4	1,1	0,4	1,3
Com 65 e mais anos	HM	292,4	281,4	275,9	279,5	295,0	3,3	0,9	5,5
	H	182,6	179,5	176,3	171,4	180,8	3,5	- 1,0	5,5
	M	109,8	101,9	99,6	108,1	114,2	5,1	4,0	5,6
Dos 15 aos 64 anos	HM	5 275,5	5 261,9	5 230,6	5 202,2	5 220,2	0,4	- 1,0	0,3
	H	2 760,8	2 772,9	2 744,4	2 716,8	2 728,3	0,5	- 1,2	0,4
	M	2 514,7	2 489,1	2 486,2	2 485,4	2 492,0	0,6	- 0,9	0,3
<b>Nível de escolaridade completo</b>									
Até ao básico - 3º ciclo	HM	3 470,1	3 395,3	3 326,6	3 256,2	3 280,9	1,2	- 5,5	0,8
	H	1 999,9	1 957,4	1 918,6	1 875,8	1 893,5	1,3	- 5,3	0,9
	M	1 470,2	1 437,9	1 408,0	1 380,4	1 387,4	1,6	- 5,6	0,5
Secundário e pós-secundário	HM	1 107,0	1 144,8	1 162,9	1 192,1	1 177,9	2,0	6,4	- 1,2
	H	543,6	570,4	564,8	575,2	568,7	2,8	4,6	- 1,1
	M	563,4	574,4	598,1	616,9	609,2	2,6	8,1	- 1,2
Superior	HM	990,8	1 003,2	1 017,0	1 033,5	1 056,4	3,4	6,6	2,2
	H	399,9	424,6	437,2	437,2	446,9	4,4	11,8	2,2
	M	590,9	578,6	579,8	596,2	609,6	3,3	3,2	2,2

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego - 2º trimestre de 2012.

3. Taxa de atividade por grupo etário, sexo e nível de escolaridade completo									
Portugal	Sexo	Valor trimestral					C.V.	Variação	
		2ºT-2011	3ºT-2011	4ºT-2011	1ºT-2012	2ºT-2012		2ºT-2012	Homóloga
		%					p.p.		
<b>Taxa de atividade</b>	<b>HM</b>	<b>52,3</b>	<b>52,1</b>	<b>51,7</b>	<b>51,7</b>	<b>52,0</b>	<b>0,4</b>	<b>-0,3</b>	<b>0,3</b>
	<b>H</b>	<b>57,2</b>	<b>57,3</b>	<b>56,7</b>	<b>56,3</b>	<b>56,7</b>	<b>0,5</b>	<b>-0,5</b>	<b>0,4</b>
	<b>M</b>	<b>47,8</b>	<b>47,1</b>	<b>47,0</b>	<b>47,4</b>	<b>47,6</b>	<b>0,6</b>	<b>-0,2</b>	<b>0,2</b>
<b>Taxa de atividade (15 e mais anos)</b>	<b>HM</b>	<b>61,6</b>	<b>61,3</b>	<b>60,9</b>	<b>60,8</b>	<b>61,2</b>	<b>0,4</b>	<b>-0,4</b>	<b>0,4</b>
	<b>H</b>	<b>68,1</b>	<b>68,2</b>	<b>67,4</b>	<b>66,9</b>	<b>67,4</b>	<b>0,5</b>	<b>-0,7</b>	<b>0,5</b>
	<b>M</b>	<b>55,7</b>	<b>55,0</b>	<b>54,8</b>	<b>55,2</b>	<b>55,5</b>	<b>0,6</b>	<b>-0,2</b>	<b>0,3</b>
Dos 15 aos 24 anos	HM	37,3	40,4	38,9	37,5	37,2	2,2	-0,1	-0,3
	H	39,5	42,9	41,5	39,8	39,4	2,7	-0,1	-0,4
	M	35,1	37,8	36,2	35,1	35,0	3,3	-0,1	-0,1
Dos 25 aos 34 anos	HM	91,1	90,5	90,6	90,6	91,1	0,6	o	0,5
	H	92,6	93,0	91,7	91,8	92,5	0,7	-0,1	0,7
	M	89,5	88,0	89,4	89,4	89,6	1,0	0,1	0,2
Dos 35 aos 44 anos	HM	91,6	90,3	90,3	90,9	90,7	0,6	-0,9	-0,2
	H	95,0	94,0	93,8	93,6	93,3	0,7	-1,7	-0,3
	M	88,3	86,7	86,7	88,2	88,1	0,9	-0,2	-0,1
Dos 45 aos 64 anos	HM	70,3	69,6	69,1	69,6	70,5	0,7	0,2	0,9
	H	77,4	77,1	76,4	76,5	77,5	0,8	0,1	1,0
	M	63,7	62,7	62,4	63,2	63,9	1,1	0,2	0,7
Com 65 e mais anos	HM	15,1	14,5	14,1	14,2	15,0	3,3	-0,1	0,8
	H	22,6	22,2	21,7	20,9	22,0	3,5	-0,6	1,1
	M	9,7	9,0	8,7	9,5	10,0	5,1	0,3	0,5
Dos 15 aos 64 anos	HM	74,3	74,2	73,7	73,8	74,1	0,4	-0,2	0,3
	H	78,5	78,8	78,0	77,7	78,1	0,5	-0,4	0,4
	M	70,3	69,6	69,5	69,9	70,2	0,6	-0,1	0,3
<b>Nível de escolaridade completo (15 e mais anos)</b>									
Até ao básico - 3º ciclo	HM	54,6	54,3	53,3	52,9	53,4	0,7	-1,2	0,5
	H	64,0	63,9	62,7	62,0	62,7	0,7	-1,3	0,7
	M	45,5	45,0	44,3	44,1	44,3	1,1	-1,2	0,2
Secundário e pós-secundário	HM	74,0	73,7	74,2	74,5	74,8	1,0	0,8	0,3
	H	75,0	76,0	75,9	75,4	75,6	1,3	0,6	0,2
	M	73,1	71,6	72,7	73,6	74,0	1,3	0,9	0,4
Superior	HM	84,0	81,5	81,9	82,1	82,1	0,9	-1,9	o
	H	84,2	82,6	83,1	82,5	82,5	1,3	-1,7	o
	M	83,9	80,7	81,1	81,8	81,8	1,1	-2,1	o

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego - 2º trimestre de 2012.

4. População empregada por grupo etário, sexo e nível de escolaridade completo									
Portugal	Sexo	Valor trimestral					C.V.	Variação	
		2ºT-2011	3ºT-2011	4ºT-2011	1ºT-2012	2ºT-2012	2ºT-2012	Homóloga	Trimestral
		Milhares de indivíduos					%		
<b>População empregada</b>	<b>HM</b>	<b>4 893,0</b>	<b>4 853,7</b>	<b>4 735,4</b>	<b>4 662,5</b>	<b>4 688,2</b>	<b>0,6</b>	<b>-4,2</b>	<b>0,6</b>
	<b>H</b>	<b>2 594,3</b>	<b>2 597,4</b>	<b>2 514,9</b>	<b>2 460,9</b>	<b>2 470,9</b>	<b>0,8</b>	<b>-4,8</b>	<b>0,4</b>
	<b>M</b>	<b>2 298,7</b>	<b>2 256,3</b>	<b>2 220,5</b>	<b>2 201,6</b>	<b>2 217,3</b>	<b>0,8</b>	<b>-3,5</b>	<b>0,7</b>
Dos 15 aos 24 anos	HM	312,2	322,2	285,1	272,3	271,6	3,2	-13,0	-0,3
	H	168,9	180,2	159,3	148,3	148,3	4,2	-12,2	-
	M	143,3	142,1	125,9	124,0	123,3	4,7	-14,0	-0,6
Dos 25 aos 34 anos	HM	1 215,8	1 203,5	1 161,1	1 113,3	1 099,4	1,2	-9,6	-1,2
	H	629,4	629,9	602,4	575,8	571,3	1,5	-9,2	-0,8
	M	586,4	573,6	558,7	537,6	528,1	1,8	-9,9	-1,8
Dos 35 aos 44 anos	HM	1 325,5	1 307,7	1 295,0	1 292,9	1 303,6	1,0	-1,7	0,8
	H	692,9	687,0	669,6	669,1	670,4	1,3	-3,2	0,2
	M	632,6	620,7	625,4	623,7	633,2	1,4	0,1	1,5
Dos 45 aos 64 anos	HM	1 748,8	1 742,2	1 721,9	1 710,2	1 724,6	0,9	-1,4	0,8
	H	921,5	922,1	908,4	898,8	902,4	1,1	-2,1	0,4
	M	827,3	820,1	813,5	811,4	822,2	1,3	-0,6	1,3
Com 65 e mais anos	HM	290,8	278,1	272,3	273,8	289,1	3,3	-0,6	5,6
	H	181,7	178,2	175,3	169,0	178,5	3,5	-1,8	5,6
	M	109,1	99,9	97,0	104,9	110,5	5,1	1,3	5,3
Dos 15 aos 64 anos	HM	4 602,2	4 575,7	4 463,2	4 388,6	4 399,2	0,6	-4,4	0,2
	H	2 412,6	2 419,2	2 339,7	2 292,0	2 292,4	0,8	-5,0	0
	M	2 189,6	2 156,5	2 123,5	2 096,7	2 106,8	0,8	-3,8	0,5
<b>Nível de escolaridade completo</b>									
Até ao básico - 3º ciclo	HM	3 007,3	2 947,1	2 842,6	2 753,6	2 759,2	1,3	-8,2	0,2
	H	1 748,4	1 709,4	1 639,4	1 586,5	1 593,5	1,5	-8,9	0,4
	M	1 258,9	1 237,7	1 203,2	1 167,2	1 165,7	1,7	-7,4	-0,1
Secundário e pós-secundário	HM	975,5	997,7	983,8	991,1	980,1	2,2	0,5	-1,1
	H	483,6	507,1	485,7	483,3	476,6	3,1	-1,4	-1,4
	M	491,9	490,6	498,1	507,8	503,5	2,9	2,4	-0,8
Superior	HM	910,2	908,9	909,0	917,7	948,9	3,6	4,3	3,4
	H	362,3	380,9	389,8	391,1	400,8	4,6	10,6	2,5
	M	547,9	528,0	519,2	526,6	548,1	3,5	0	4,1

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego - 2º trimestre de 2012.

5. Taxa de emprego por grupo etário, sexo e nível de escolaridade completo									
Portugal	Sexo	Valor trimestral					C.V.	Variação	
		2ºT-2011	3ºT-2011	4ºT-2011	1ºT-2012	2ºT-2012		2ºT-2012	Homóloga
		%					p.p.		
<b>Taxa de emprego</b>	<b>HM</b>	<b>54,2</b>	<b>53,7</b>	<b>52,4</b>	<b>51,7</b>	<b>52,0</b>	<b>0,6</b>	<b>-2,2</b>	<b>0,3</b>
<b>(15 e mais anos)</b>	<b>H</b>	<b>60,0</b>	<b>60,0</b>	<b>58,1</b>	<b>57,0</b>	<b>57,3</b>	<b>0,8</b>	<b>-2,7</b>	<b>0,3</b>
	<b>M</b>	<b>48,8</b>	<b>47,9</b>	<b>47,1</b>	<b>46,9</b>	<b>47,2</b>	<b>0,8</b>	<b>-1,6</b>	<b>0,3</b>
Dos 15 aos 24 anos	HM	27,2	28,3	25,2	24,0	24,0	3,2	-3,2	o
	H	28,8	30,9	27,5	25,6	25,7	4,2	-3,1	0,1
	M	25,6	25,5	22,7	22,3	22,2	4,7	-3,4	-0,1
Dos 25 aos 34 anos	HM	79,1	78,7	76,3	75,4	75,0	1,2	-4,1	-0,4
	H	80,8	81,2	78,0	77,1	77,1	1,5	-3,7	o
	M	77,4	76,1	74,5	73,6	72,9	1,8	-4,5	-0,7
Dos 35 aos 44 anos	HM	81,9	80,7	79,8	79,1	79,7	1,0	-2,2	0,6
	H	85,7	84,8	82,5	81,9	81,9	1,3	-3,8	o
	M	78,1	76,6	77,1	76,4	77,4	1,4	-0,7	1,0
Dos 45 aos 64 anos	HM	62,5	62,1	61,2	61,0	61,4	0,9	-1,1	0,4
	H	68,5	68,3	67,1	66,4	66,5	1,1	-2,0	0,1
	M	57,0	56,3	55,7	56,0	56,6	1,3	-0,4	0,6
Com 65 e mais anos	HM	15,0	14,3	14,0	14,0	14,7	3,3	-0,3	0,7
	H	22,5	22,0	21,6	20,6	21,7	3,5	-0,8	1,1
	M	9,7	8,8	8,5	9,2	9,6	5,1	-0,1	0,4
Dos 15 aos 64 anos	HM	64,8	64,5	62,9	62,2	62,5	0,6	-2,3	0,3
	H	68,6	68,8	66,5	65,5	65,6	0,8	-3,0	0,1
	M	61,2	60,3	59,4	59,0	59,4	0,8	-1,8	0,4
<b>Nível de escolaridade completo</b>									
Até ao básico - 3º ciclo	HM	47,3	47,1	45,6	44,7	44,9	0,9	-2,4	0,2
	H	56,0	55,8	53,6	52,5	52,8	1,0	-3,2	0,3
	M	38,9	38,8	37,9	37,3	37,3	1,3	-1,6	o
Secundário e pós-secundário	HM	65,2	64,3	62,8	61,9	62,2	1,4	-3,0	0,3
	H	66,7	67,6	65,3	63,4	63,3	1,8	-3,4	-0,1
	M	63,8	61,2	60,5	60,6	61,2	1,9	-2,6	0,6
Superior	HM	77,2	73,8	73,2	72,9	73,7	1,2	-3,5	0,8
	H	76,3	74,1	74,1	73,8	74,0	1,8	-2,3	0,2
	M	77,8	73,6	72,6	72,2	73,6	1,5	-4,2	1,4

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego - 2º trimestre de 2012.

6. População empregada por setor de atividade principal (CAE-Rev. 3) e sexo									
Portugal	Sexo	Valor trimestral					C.V.	Variação	
		2ºT-2011	3ºT-2011	4ºT-2011	1ºT-2012	2ºT-2012	2ºT-2012	Homóloga	Trimestral
		Milhares de indivíduos					%		
<b>População empregada</b>	<b>HM</b>	4 893,0	4 853,7	4 735,4	4 662,5	4 688,2	0,6	- 4,2	0,6
	<b>H</b>	2 594,3	2 597,4	2 514,9	2 460,9	2 470,9	0,8	- 4,8	0,4
	<b>M</b>	2 298,7	2 256,3	2 220,5	2 201,6	2 217,3	0,8	- 3,5	0,7
<b>A: Agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca</b>	<b>HM</b>	495,5	478,5	452,5	477,1	498,6	3,7	0,6	4,5
	<b>H</b>	289,9	282,5	278,8	292,8	298,1	3,7	2,8	1,8
	<b>M</b>	205,6	196,0	173,8	184,3	200,6	5,0	- 2,4	8,8
<b>B a F: Indústria, construção, energia e água</b>	<b>HM</b>	1 347,7	1 332,3	1 274,3	1 245,4	1 210,4	2,1	- 10,2	- 2,8
	<b>H</b>	969,9	975,2	931,9	899,4	880,7	2,2	- 9,2	- 2,1
	<b>M</b>	377,7	357,1	342,5	346,0	329,7	4,0	- 12,7	- 4,7
C: Indústrias transformadoras	HM	826,4	820,7	787,4	786,9	775,6	3,0	- 6,1	- 1,4
F: Construção	HM	455,3	440,9	418,0	387,7	374,5	3,9	- 17,7	- 3,4
<b>G a U: Serviços</b>	<b>HM</b>	3 049,8	3 043,0	3 008,6	2 940,0	2 979,2	1,1	- 2,3	1,3
	<b>H</b>	1 334,4	1 339,7	1 304,3	1 268,7	1 292,2	1,7	- 3,2	1,9
	<b>M</b>	1 715,3	1 703,3	1 704,3	1 671,3	1 687,0	1,2	- 1,6	0,9
G: Comércio por grosso e a retalho	HM	709,5	707,3	695,7	690,6	686,7	2,8	- 3,2	- 0,6
H: Transportes e armazenagem	HM	182,7	172,7	172,4	159,7	167,7	5,7	- 8,2	5,0
I: Alojamento, restauração e similares	HM	289,2	292,5	281,3	265,4	282,2	4,4	- 2,4	6,3
J: Atividades de informação e de comunicação	HM	84,3	86,4	73,1	85,0	87,5	8,6	3,8	2,9
K: Atividades financeiras e de seguros	HM	107,2	105,4	106,4	104,4	98,2	8,0	- 8,4	- 5,9
L: Atividades imobiliárias	HM	28,3	25,0	23,7	21,8	22,5	15,0	- 20,5	3,2
M: Atividades de consultoria, científicas, técnicas e similares	HM	178,5	171,1	177,1	162,3	142,9	6,3	- 19,9	- 12,0
N: Atividades administrativas e dos serviços de apoio	HM	140,4	153,8	143,6	135,1	144,9	6,1	3,2	7,3
O: Administração Pública, Defesa e Segurança Social Obrigatória	HM	309,6	313,2	312,6	307,3	299,7	4,2	- 3,2	- 2,5
P: Educação	HM	370,3	349,6	366,8	362,0	383,0	4,0	3,4	5,8
Q: Atividades da saúde humana e apoio social	HM	370,5	376,1	370,7	371,1	381,3	3,8	2,9	2,7
R: Atividades artísticas, de espetáculos, desportivas e recreativas	HM	51,9	50,5	51,6	48,9	53,1	9,7	2,3	8,6
S a U: Outros serviços	HM	227,2	239,2	233,7	226,2	229,6	4,6	1,1	1,5

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego - 2º trimestre de 2012.

7. População empregada por profissão principal (CPP-10), situação na profissão e sexo									
Portugal	Sexo	Valor trimestral					C.V.	Variação	
		2ºT-2011	3ºT-2011	4ºT-2011	1ºT-2012	2ºT-2012	2ºT-2012	Homóloga	Trimestral
		Milhares de indivíduos					%		
<b>População empregada</b>	<b>HM</b>	<b>4 893,0</b>	<b>4 853,7</b>	<b>4 735,4</b>	<b>4 662,5</b>	<b>4 688,2</b>	<b>0,6</b>	<b>- 4,2</b>	<b>0,6</b>
	<b>H</b>	<b>2 594,3</b>	<b>2 597,4</b>	<b>2 514,9</b>	<b>2 460,9</b>	<b>2 470,9</b>	<b>0,8</b>	<b>- 4,8</b>	<b>0,4</b>
	<b>M</b>	<b>2 298,7</b>	<b>2 256,3</b>	<b>2 220,5</b>	<b>2 201,6</b>	<b>2 217,3</b>	<b>0,8</b>	<b>- 3,5</b>	<b>0,7</b>
<b>Profissão (CPP-10)</b>									
1: Rep. do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes, diretores e gestores executivos	HM	302,9	309,8	286,8	293,1	294,1	4,4	- 2,9	0,3
	H	203,4	212,9	191,5	195,8	191,1	5,1	- 6,0	- 2,4
	M	99,5	96,9	95,3	97,3	103,0	6,6	3,5	5,9
2: Especialistas das atividades intelectuais e científicas	HM	700,8	680,7	683,3	680,3	707,9	3,9	1,0	4,1
	H	285,9	287,9	301,3	293,5	300,6	5,1	5,1	2,4
	M	414,9	392,8	382,0	386,8	407,3	4,0	- 1,8	5,3
3: Técnicos e profissionais de nível intermédio	HM	435,1	430,3	426,0	432,8	448,2	3,5	3,0	3,6
	H	259,4	260,2	245,7	249,9	265,1	4,3	2,2	6,1
	M	175,6	170,1	180,3	182,9	183,1	4,8	4,3	0,1
4: Pessoal administrativo	HM	403,7	387,1	387,5	388,4	368,5	3,8	- 8,7	- 5,1
	H	139,2	131,0	138,9	138,8	133,0	6,0	- 4,5	- 4,2
	M	264,6	256,2	248,6	249,6	235,5	4,6	- 11,0	- 5,6
5: Trabalhadores dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores	HM	785,2	793,5	760,7	748,4	750,9	2,5	- 4,4	0,3
	H	292,9	300,9	270,1	267,5	263,2	4,3	- 10,1	- 1,6
	M	492,3	492,6	490,6	480,8	487,6	2,7	- 1,0	1,4
6: Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, da pesca e da floresta	HM	480,0	465,3	434,5	459,1	480,0	3,7	-	4,6
	H	285,8	279,7	270,8	282,5	287,0	3,7	0,4	1,6
	M	194,2	185,6	163,7	176,6	193,0	5,1	- 0,6	9,3
7: Trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices	HM	783,1	781,3	736,3	714,1	695,8	2,7	- 11,1	- 2,6
	H	659,6	651,6	625,1	597,1	583,1	2,8	- 11,6	- 2,3
	M	123,4	129,7	111,2	117,0	112,7	7,4	- 8,7	- 3,7
8: Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem	HM	402,7	414,0	407,4	372,9	378,0	4,0	- 6,1	1,4
	H	284,3	299,3	287,4	263,0	273,3	4,6	- 3,9	3,9
	M	118,3	114,7	120,1	109,9	104,8	7,1	- 11,4	- 4,6
9: Trabalhadores não qualificados	HM	568,0	559,9	575,3	540,9	533,6	3,0	- 6,1	- 1,3
	H	155,5	145,9	149,6	142,5	147,3	5,6	- 5,3	3,4
	M	412,5	414,1	425,8	398,5	386,3	3,4	- 6,4	- 3,1
0: Forças Armadas	HM	31,6	31,9	37,5	32,6	31,2	13,4	- 1,3	- 4,3
<b>Situação na profissão</b>									
Trabalhador por conta de outrem	HM	3 862,9	3 838,5	3 745,1	3 662,2	3 668,9	0,8	- 5,0	0,2
	H	1 954,3	1 965,3	1 886,2	1 830,1	1 839,3	1,1	- 5,9	0,5
	M	1 908,6	1 873,3	1 858,9	1 832,1	1 829,6	1,0	- 4,1	- 0,1
Trabalhador por conta própria como isolado	HM	755,0	738,8	715,8	731,2	756,7	2,6	0,2	3,5
	H	445,8	443,2	441,1	446,4	458,4	2,9	2,8	2,7
	M	309,2	295,7	274,7	284,9	298,3	3,8	- 3,5	4,7
Trabalhador por conta própria como empregador	HM	247,7	249,2	245,5	237,3	232,0	4,9	- 6,3	- 2,2
	H	181,8	179,7	176,4	169,7	159,2	5,3	- 12,4	- 6,2
	M	65,9	69,5	69,2	67,6	72,8	8,3	10,5	7,7
Trabalhador familiar não remunerado	HM	27,3	27,2	29,0	31,8	30,6	12,1	12,1	- 3,8
	H	12,3	9,3	11,3	14,8	14,0	17,6	13,8	- 5,4
	M	15,0	17,8	17,7	17,0	16,7	14,6	11,3	- 1,8

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego - 2º trimestre de 2012.

**8. População empregada total e por conta de outrem por regime de duração do trabalho e sexo, população empregada por conta de outrem por tipo de contrato de trabalho e sexo e subemprego de trabalhadores a tempo parcial por sexo**

Portugal	Sexo	Valor trimestral					C.V.	Variação		
		2ºT-2011	3ºT-2011	4ºT-2011	1ºT-2012	2ºT-2012	2ºT-2012	Homóloga	Trimestral	
		Milhares de indivíduos					%			
<b>População empregada</b>	<b>HM</b>	<b>4 893,0</b>	<b>4 853,7</b>	<b>4 735,4</b>	<b>4 662,5</b>	<b>4 688,2</b>	<b>0,6</b>	<b>- 4,2</b>	<b>0,6</b>	
	<b>H</b>	<b>2 594,3</b>	<b>2 597,4</b>	<b>2 514,9</b>	<b>2 460,9</b>	<b>2 470,9</b>	<b>0,8</b>	<b>- 4,8</b>	<b>0,4</b>	
	<b>M</b>	<b>2 298,7</b>	<b>2 256,3</b>	<b>2 220,5</b>	<b>2 201,6</b>	<b>2 217,3</b>	<b>0,8</b>	<b>- 3,5</b>	<b>0,7</b>	
	A tempo completo	HM	4 260,0	4 214,6	4 102,5	3 993,7	4 012,2	0,7	- 5,8	0,5
		H	2 324,7	2 319,9	2 238,1	2 165,1	2 171,5	0,9	- 6,6	0,3
		M	1 935,2	1 894,6	1 864,4	1 828,6	1 840,7	1,0	- 4,9	0,7
	A tempo parcial	HM	633,0	639,2	632,9	668,7	676,0	2,6	6,8	1,1
		H	269,6	277,5	276,9	295,8	299,4	3,6	11,1	1,2
		M	363,5	361,7	356,1	372,9	376,6	3,2	3,6	1,0
<b>Trabalhadores por conta de outrem</b>	<b>HM</b>	<b>3 862,9</b>	<b>3 838,5</b>	<b>3 745,1</b>	<b>3 662,2</b>	<b>3 668,9</b>	<b>0,8</b>	<b>- 5,0</b>	<b>0,2</b>	
	<b>H</b>	<b>1 954,3</b>	<b>1 965,3</b>	<b>1 886,2</b>	<b>1 830,1</b>	<b>1 839,3</b>	<b>1,1</b>	<b>- 5,9</b>	<b>0,5</b>	
	<b>M</b>	<b>1 908,6</b>	<b>1 873,3</b>	<b>1 858,9</b>	<b>1 832,1</b>	<b>1 829,6</b>	<b>1,0</b>	<b>- 4,1</b>	<b>- 0,1</b>	
	A tempo completo	HM	3 587,5	3 564,2	3 461,9	3 372,1	3 368,2	0,9	- 6,1	- 0,1
		H	1 880,6	1 888,3	1 812,0	1 750,2	1 754,7	1,1	- 6,7	0,3
		M	1 706,9	1 675,9	1 649,9	1 621,9	1 613,5	1,2	- 5,5	- 0,5
	A tempo parcial	HM	275,4	274,4	283,2	290,1	300,7	3,9	9,2	3,7
		H	73,7	76,9	74,2	79,9	84,6	7,1	14,8	5,9
		M	201,7	197,4	209,0	210,2	216,1	4,5	7,1	2,8
<b>Tipo de contrato de trabalho</b>	Sem termo	HM	2 980,6	2 966,7	2 951,1	2 928,7	2 900,2	1,0	- 2,7	- 1,0
		H	1 518,8	1 520,1	1 484,6	1 465,7	1 443,2	1,4	- 5,0	- 1,5
		M	1 461,9	1 446,6	1 466,5	1 463,1	1 456,9	1,3	- 0,3	- 0,4
	Com termo	HM	729,4	725,8	659,7	607,3	640,4	2,6	- 12,2	5,5
		H	356,5	370,3	330,5	307,9	334,9	3,7	- 6,1	8,8
		M	372,9	355,5	329,2	299,5	305,5	3,6	- 18,1	2,0
	Outro tipo	HM	152,6	146,1	134,2	126,1	128,4	6,0	- 15,9	1,8
		H	78,7	74,9	71,1	56,6	61,2	8,7	- 22,2	8,1
		M	73,9	71,2	63,1	69,5	67,2	8,0	- 9,1	- 3,3
	<b>Subemprego de trabalhadores a tempo parcial</b>	HM	211,4	210,2	238,0	255,8	261,0	4,3	23,5	2,0
		H	72,4	81,4	94,4	101,3	102,0	6,8	40,9	0,7
		M	139,0	128,8	143,6	154,5	159,0	5,2	14,4	2,9

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego - 2º trimestre de 2012.

9. População desempregada por grupo etário, sexo e nível de escolaridade completo									
Portugal	Sexo	Valor trimestral					C.V.	Variação	
		2ºT-2011	3ºT-2011	4ºT-2011	1ºT-2012	2ºT-2012	2ºT-2012	Homóloga	Trimestral
		Milhares de indivíduos					%		
<b>População desempregada</b>	<b>HM</b>	<b>675,0</b>	<b>689,6</b>	<b>771,0</b>	<b>819,3</b>	<b>826,9</b>	<b>2,4</b>	<b>22,5</b>	<b>0,9</b>
	<b>H</b>	<b>349,2</b>	<b>355,0</b>	<b>405,7</b>	<b>427,3</b>	<b>438,1</b>	<b>3,2</b>	<b>25,5</b>	<b>2,5</b>
	<b>M</b>	<b>325,8</b>	<b>334,7</b>	<b>365,3</b>	<b>391,9</b>	<b>388,8</b>	<b>3,4</b>	<b>19,3</b>	<b>-0,8</b>
Dos 15 aos 24 anos	HM	115,5	138,3	156,3	154,4	149,7	4,8	29,6	-3,0
	H	62,3	69,8	81,4	82,7	79,1	6,5	27,0	-4,4
	M	53,2	68,5	74,9	71,6	70,6	7,2	32,7	-1,4
Dos 25 aos 34 anos	HM	184,1	181,3	217,4	225,7	234,9	4,6	27,6	4,1
	H	92,0	91,2	105,2	110,1	113,9	6,7	23,8	3,5
	M	92,0	90,1	112,2	115,6	121,0	6,5	31,5	4,7
Dos 35 aos 44 anos	HM	157,5	156,7	170,4	191,8	180,5	5,2	14,6	-5,9
	H	75,0	75,0	92,3	95,4	93,2	7,3	24,3	-2,3
	M	82,5	81,7	78,1	96,4	87,3	7,3	5,8	-9,4
Com 45 e mais anos	HM	217,9	213,3	226,9	247,4	261,8	3,7	20,1	5,8
	H	119,9	119,0	126,8	139,2	151,9	4,6	26,7	9,1
	M	98,1	94,3	100,1	108,3	109,9	5,7	12,0	1,5
Dos 15 aos 64 anos	HM	673,3	686,3	767,4	813,6	821,0	2,4	21,9	0,9
	H	348,2	353,7	404,7	424,9	435,9	3,2	25,2	2,6
	M	325,1	332,6	362,7	388,7	385,2	3,4	18,5	-0,9
<b>Nível de escolaridade completo</b>									
Até ao básico - 3º ciclo	HM	462,9	448,2	484,0	502,6	521,6	3,2	12,7	3,8
	H	251,6	248,0	279,2	289,3	300,0	4,0	19,2	3,7
	M	211,3	200,2	204,8	213,2	221,7	4,6	4,9	4,0
Secundário e pós-secundário	HM	131,5	147,2	179,1	200,9	197,7	5,1	50,3	-1,6
	H	60,0	63,3	79,1	91,9	92,0	6,9	53,3	0,1
	M	71,4	83,8	100,0	109,0	105,7	7,2	48,0	-3,0
Superior	HM	80,6	94,3	108,0	115,8	107,6	7,1	33,5	-7,1
	H	37,6	43,7	47,4	46,1	46,1	11,4	22,6	-
	M	43,0	50,6	60,6	69,7	61,5	8,7	43,0	-11,8

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego - 2º trimestre de 2012.

10. Taxa de desemprego por grupo etário, sexo e nível de escolaridade completo									
Portugal	Sexo	Valor trimestral					C.V.	Variação	
		2ºT-2011	3ºT-2011	4ºT-2011	1ºT-2012	2ºT-2012	2ºT-2012	Homóloga	Trimestral
		%					p.p.		
<b>Taxa de desemprego</b>	<b>HM</b>	<b>12,1</b>	<b>12,4</b>	<b>14,0</b>	<b>14,9</b>	<b>15,0</b>	<b>2,4</b>	<b>2,9</b>	<b>0,1</b>
	<b>H</b>	<b>11,9</b>	<b>12,0</b>	<b>13,9</b>	<b>14,8</b>	<b>15,1</b>	<b>3,2</b>	<b>3,2</b>	<b>0,3</b>
	<b>M</b>	<b>12,4</b>	<b>12,9</b>	<b>14,1</b>	<b>15,1</b>	<b>14,9</b>	<b>3,4</b>	<b>2,5</b>	<b>-0,2</b>
Dos 15 aos 24 anos	HM	27,0	30,0	35,4	36,2	35,5	4,3	8,5	-0,7
	H	27,0	27,9	33,8	35,8	34,8	5,9	7,8	-1,0
	M	27,1	32,5	37,3	36,6	36,4	6,3	9,3	-0,2
Dos 25 aos 34 anos	HM	13,1	13,1	15,8	16,9	17,6	4,6	4,5	0,7
	H	12,8	12,6	14,9	16,0	16,6	6,7	3,8	0,6
	M	13,6	13,6	16,7	17,7	18,6	6,4	5,0	0,9
Dos 35 aos 44 anos	HM	10,6	10,7	11,6	12,9	12,2	5,2	1,6	-0,7
	H	9,8	9,8	12,1	12,5	12,2	7,3	2,4	-0,3
	M	11,5	11,6	11,1	13,4	12,1	7,2	0,6	-1,3
Com 45 e mais anos	HM	9,7	9,5	10,2	11,1	11,5	3,7	1,8	0,4
	H	9,8	9,8	10,5	11,5	12,3	4,6	2,5	0,8
	M	9,5	9,3	9,9	10,6	10,5	5,6	1,0	-0,1
Dos 15 aos 64 anos	HM	12,8	13,0	14,7	15,6	15,7	2,4	2,9	0,1
	H	12,6	12,8	14,7	15,6	16,0	3,2	3,4	0,4
	M	12,9	13,4	14,6	15,6	15,5	3,4	2,6	-0,1
<b>Nível de escolaridade completo</b>									
Até ao básico - 3º ciclo	HM	13,3	13,2	14,5	15,4	15,9	2,9	2,6	0,5
	H	12,6	12,7	14,6	15,4	15,8	3,8	3,2	0,4
	M	14,4	13,9	14,5	15,4	16,0	4,2	1,6	0,6
Secundário e pós-secundário	HM	11,9	12,9	15,4	16,9	16,8	4,7	4,9	-0,1
	H	11,0	11,1	14,0	16,0	16,2	6,5	5,2	0,2
	M	12,7	14,6	16,7	17,7	17,3	6,6	4,6	-0,4
Superior	HM	8,1	9,4	10,6	11,2	10,2	6,7	2,1	-1,0
	H	9,4	10,3	10,8	10,5	10,3	10,6	0,9	-0,2
	M	7,3	8,8	10,4	11,7	10,1	8,4	2,8	-1,6

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego - 2º trimestre de 2012.

11. População desempregada por duração da procura de emprego									
Portugal	Sexo	Valor trimestral					C.V.	Variação	
		2ºT-2011	3ºT-2011	4ºT-2011	1ºT-2012	2ºT-2012	2ºT-2012	Homóloga	Trimestral
		Milhares de indivíduos					%		
<b>População desempregada</b>	<b>HM</b>	<b>675,0</b>	<b>689,6</b>	<b>771,0</b>	<b>819,3</b>	<b>826,9</b>	<b>2,4</b>	<b>22,5</b>	<b>0,9</b>
	<b>H</b>	<b>349,2</b>	<b>355,0</b>	<b>405,7</b>	<b>427,3</b>	<b>438,1</b>	<b>3,2</b>	<b>25,5</b>	<b>2,5</b>
	<b>M</b>	<b>325,8</b>	<b>334,7</b>	<b>365,3</b>	<b>391,9</b>	<b>388,8</b>	<b>3,4</b>	<b>19,3</b>	<b>-0,8</b>
<b>Duração da procura</b>									
Menos de 1 mês	HM	24,1	36,9	32,0	28,7	23,0	14,4	-4,6	-19,9
	H	11,9	19,3	17,5	14,2	10,0	21,5	-16,0	-29,6
	M	12,2	17,6	14,5	14,5	13,0	19,5	6,6	-10,3
1 a 6 meses	HM	190,7	196,6	252,8	275,0	241,0	4,5	26,4	-12,4
	H	105,3	96,8	128,4	142,7	129,4	6,2	22,9	-9,3
	M	85,4	99,9	124,4	132,4	111,6	6,5	30,7	-15,7
7 a 11 meses	HM	87,8	99,7	80,8	99,3	119,7	6,6	36,3	20,5
	H	43,7	53,0	44,4	47,7	60,9	9,4	39,4	27,7
	M	44,1	46,7	36,4	51,6	58,7	9,0	33,1	13,8
12 a 24 meses	HM	147,4	144,5	156,4	188,1	160,3	5,7	8,8	-14,8
	H	80,4	78,2	86,8	101,4	84,5	7,4	5,1	-16,7
	M	67,0	66,4	69,6	86,7	75,8	8,1	13,1	-12,6
25 e mais meses	HM	224,9	211,9	249,1	228,1	283,0	4,3	25,8	24,1
	H	107,8	107,7	128,6	121,4	153,3	5,4	42,2	26,3
	M	117,1	104,2	120,5	106,7	129,6	6,3	10,7	21,5

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego - 2º trimestre de 2012.

12. Taxas de desemprego por duração da procura de emprego										
Portugal	Sexo	Valor trimestral					C.V.	Variação		
		2ºT-2011	3ºT-2011	4ºT-2011	1ºT-2012	2ºT-2012	2ºT-2012	Homóloga	Trimestral	
		%					p.p.			
<b>Taxa de desemprego total</b>	<b>HM</b>	<b>12,1</b>	<b>12,4</b>	<b>14,0</b>	<b>14,9</b>	<b>15,0</b>	<b>2,4</b>	<b>2,9</b>	<b>0,1</b>	
	<b>H</b>	<b>11,9</b>	<b>12,0</b>	<b>13,9</b>	<b>14,8</b>	<b>15,1</b>	<b>3,2</b>	<b>3,2</b>	<b>0,3</b>	
	<b>M</b>	<b>12,4</b>	<b>12,9</b>	<b>14,1</b>	<b>15,1</b>	<b>14,9</b>	<b>3,4</b>	<b>2,5</b>	<b>-0,2</b>	
<b>Por duração da procura</b>										
Menos de 1 mês	HM	0,4	0,7	0,6	0,5	0,4	14,4	o	-0,1	
	H	0,4	0,7	0,6	0,5	0,3	21,5	-0,1	-0,2	
	M	0,5	0,7	0,6	0,6	0,5	19,5	o	-0,1	
1 a 6 meses	HM	3,4	3,5	4,6	5,0	4,4	4,5	1,0	-0,6	
	H	3,6	3,3	4,4	4,9	4,4	6,2	0,8	-0,5	
	M	3,3	3,9	4,8	5,1	4,3	6,5	1,0	-0,8	
7 a 11 meses	HM	1,6	1,8	1,5	1,8	2,2	6,6	0,6	0,4	
	H	1,5	1,8	1,5	1,7	2,1	9,4	0,6	0,4	
	M	1,7	1,8	1,4	2,0	2,3	9,0	0,6	0,3	
12 a 24 meses	HM	2,6	2,6	2,8	3,4	2,9	5,6	0,3	-0,5	
	H	2,7	2,6	3,0	3,5	2,9	7,4	0,2	-0,6	
	M	2,6	2,6	2,7	3,3	2,9	8,1	0,3	-0,4	
25 e mais meses	HM	4,0	3,8	4,5	4,2	5,1	4,3	1,1	0,9	
	H	3,7	3,6	4,4	4,2	5,3	5,3	1,6	1,1	
	M	4,5	4,0	4,7	4,1	5,0	6,3	0,5	0,9	
Curta duração (Até 11 meses)	HM	5,4	6,0	6,6	7,4	7,0	3,4	1,6	-0,4	
	H	5,5	5,7	6,5	7,1	6,9	4,8	1,4	-0,2	
	M	5,4	6,3	6,8	7,7	7,0	5,1	1,6	-0,7	
Longa duração (12 e mais meses)	HM	6,7	6,4	7,4	7,6	8,0	3,4	1,3	0,4	
	H	6,4	6,3	7,4	7,7	8,2	4,3	1,8	0,5	
	M	7,0	6,6	7,3	7,5	7,9	4,9	0,9	0,4	

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego - 2º trimestre de 2012.

13. População desempregada à procura de primeiro emprego e de novo emprego por setor da atividade anterior (CAE-Rev. 3)										
Portugal	Valor trimestral					C.V.	Variação			
	2ºT-2011	3ºT-2011	4ºT-2011	1ºT-2012	2ºT-2012	2ºT-2012	Homóloga	Trimestral		
		Milhares de indivíduos					%			
<b>População desempregada</b>	<b>675,0</b>	<b>689,6</b>	<b>771,0</b>	<b>819,3</b>	<b>826,9</b>	<b>2,4</b>	<b>22,5</b>	<b>0,9</b>		
À procura de 1º emprego	66,7	75,6	80,2	83,4	81,9	7,0	22,8	-1,8		
À procura de novo emprego (a)	608,3	614,0	690,8	735,9	745,0	2,6	22,5	1,2		
Agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca	11,5	14,8	16,6	20,2	17,3	15,1	50,4	-14,4		
Indústria, construção, energia e água	228,2	219,0	246,8	260,0	270,7	4,5	18,6	4,1		
Serviços	338,2	355,7	399,8	423,4	423,2	3,4	25,1	o		

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego - 2º trimestre de 2012.

**Nota:** (a) A experiência anterior de trabalho dos indivíduos desempregados à procura de novo emprego é caracterizada apenas para aqueles que deixaram o último emprego há oito ou menos anos. Por essa razão, a soma do número de desempregados à procura de novo emprego por setor da atividade anterior não corresponde ao total de indivíduos desempregados à procura de novo emprego.



15. População total, ativa, empregada, desempregada e inativa por região NUTS II (NUTS-2002)								
Região NUTS II	Valor trimestral					C.V.	Variação	
	2ºT-2011	3ºT-2011	4ºT-2011	1ºT-2012	2ºT-2012	2ºT-2012	Homóloga	Trimestral
	Milhares de indivíduos					%		
<b>Portugal</b>								
População total (15 e mais anos)	9 033,6	9 039,7	9 045,5	9 013,9	9 011,1	-	-0,2	0
População ativa	5 568,0	5 543,4	5 506,5	5 481,7	5 515,2	0,4	-0,9	0,6
População empregada	4 893,0	4 853,7	4 735,4	4 662,5	4 688,2	0,6	-4,2	0,6
População desempregada	675,0	689,6	771,0	819,3	826,9	2,4	22,5	0,9
População inativa (15 e mais anos)	3 465,6	3 496,3	3 539,1	3 532,2	3 495,9	0,7	0,9	-1,0
<b>Norte</b>								
População total (15 e mais anos)	3 179,3	3 182,5	3 185,6	3 174,7	3 175,0	-	-0,1	0
População ativa	1 988,6	1 973,0	1 972,4	1 964,9	1 976,4	0,7	-0,6	0,6
População empregada	1 737,6	1 723,2	1 693,9	1 667,4	1 676,8	1,1	-3,5	0,6
População desempregada	251,0	249,8	278,5	297,5	299,6	4,1	19,4	0,7
População inativa (15 e mais anos)	1 190,7	1 209,5	1 213,2	1 209,8	1 198,5	1,2	0,7	-0,9
<b>Centro</b>								
População total (15 e mais anos)	2 050,6	2 051,2	2 051,6	2 042,5	2 040,7	-	-0,5	-0,1
População ativa	1 279,2	1 275,3	1 257,0	1 247,5	1 268,4	1,1	-0,8	1,7
População empregada	1 157,9	1 155,4	1 098,1	1 100,0	1 126,8	1,4	-2,7	2,4
População desempregada	121,3	119,9	158,9	147,6	141,6	6,7	16,7	-4,1
População inativa (15 e mais anos)	771,4	775,9	794,6	795,0	772,3	1,8	0,1	-2,9
<b>Lisboa</b>								
População total (15 e mais anos)	2 381,0	2 382,9	2 384,8	2 378,2	2 378,1	-	-0,1	0
População ativa	1 441,7	1 434,0	1 432,1	1 421,8	1 424,5	0,9	-1,2	0,2
População empregada	1 246,4	1 224,2	1 222,0	1 187,6	1 174,3	1,3	-5,8	-1,1
População desempregada	195,3	209,8	210,1	234,1	250,2	4,7	28,1	6,9
População inativa (15 e mais anos)	939,3	948,9	952,7	956,4	953,7	1,3	1,5	-0,3
<b>Alentejo</b>								
População total (15 e mais anos)	647,8	647,2	646,6	643,1	641,7	-	-0,9	-0,2
População ativa	378,8	375,1	369,3	370,5	367,4	1,0	-3,0	-0,8
População empregada	334,3	328,8	320,9	313,4	312,2	1,4	-6,6	-0,4
População desempregada	44,5	46,3	48,3	57,0	55,2	6,7	24,0	-3,2
População inativa (15 e mais anos)	269,0	272,2	277,4	272,6	274,3	1,3	2,0	0,6
<b>Algarve</b>								
População total (15 e mais anos)	368,2	368,7	369,1	368,2	368,0	-	-0,1	-0,1
População ativa	228,3	233,4	227,8	226,3	227,6	1,1	-0,3	0,6
População empregada	194,7	202,3	188,0	181,0	188,0	1,8	-3,4	3,9
População desempregada	33,6	31,1	39,8	45,3	39,6	6,8	17,9	-12,6
População inativa (15 e mais anos)	140,0	135,3	141,3	141,9	140,4	1,8	0,3	-1,1
<b>Região Autónoma dos Açores</b>								
População total (15 e mais anos)	201,3	201,7	202,0	202,1	202,3	-	0,5	0,1
População ativa	121,1	121,7	120,1	120,5	121,5	1,5	0,3	0,8
População empregada	109,4	107,6	101,9	103,8	102,5	2,8	-6,3	-1,3
População desempregada	11,7	14,2	18,2	16,7	19,0	8,9	62,4	13,8
População inativa (15 e mais anos)	80,2	79,9	81,9	81,6	80,9	2,2	0,9	-0,9
<b>Região Autónoma da Madeira</b>								
População total (15 e mais anos)	205,3	205,5	205,8	205,2	205,2	-	0	-
População ativa	130,3	130,9	127,9	130,2	129,4	1,7	-0,7	-0,6
População empregada	112,7	112,3	110,6	109,2	107,7	2,9	-4,4	-1,4
População desempregada	17,6	18,7	17,3	21,0	21,7	8,6	23,3	3,3
População inativa (15 e mais anos)	75,0	74,6	77,9	75,0	75,8	2,9	1,1	1,1

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego - 2º trimestre de 2012.

16. Taxa de atividade, emprego, desemprego e inatividade por região NUTS II (NUTS-2002)								
Regiões NUTS II	Valor trimestral					C.V.	Variação	
	2ºT-2011	3ºT-2011	4ºT-2011	1ºT-2012	2ºT-2012	2ºT-2012	Homóloga	Trimestral
	%						p.p.	
<b>Portugal</b>								
Taxa de atividade (15 e mais anos)	61,6	61,3	60,9	60,8	61,2	0,4	-0,4	0,4
Taxa de emprego (15 e mais anos)	54,2	53,7	52,4	51,7	52,0	0,6	-2,2	0,3
Taxa de desemprego	12,1	12,4	14,0	14,9	15,0	2,4	2,9	0,1
Taxa de inatividade (15 e mais anos)	38,4	38,7	39,1	39,2	38,8	0,7	0,4	-0,4
<b>Norte</b>								
Taxa de atividade (15 e mais anos)	62,5	62,0	61,9	61,9	62,3	0,7	-0,2	0,4
Taxa de emprego (15 e mais anos)	54,7	54,1	53,2	52,5	52,8	1,1	-1,9	0,3
Taxa de desemprego	12,6	12,7	14,1	15,1	15,2	4,1	2,6	0,1
Taxa de inatividade (15 e mais anos)	37,5	38,0	38,1	38,1	37,7	1,2	0,2	-0,4
<b>Centro</b>								
Taxa de atividade (15 e mais anos)	62,4	62,2	61,3	61,1	62,2	1,1	-0,2	1,1
Taxa de emprego (15 e mais anos)	56,5	56,3	53,5	53,9	55,2	1,4	-1,3	1,3
Taxa de desemprego	9,5	9,4	12,6	11,8	11,2	6,7	1,7	-0,6
Taxa de inatividade (15 e mais anos)	37,6	37,8	38,7	38,9	37,8	1,8	0,2	-1,1
<b>Lisboa</b>								
Taxa de atividade (15 e mais anos)	60,5	60,2	60,1	59,8	59,9	0,9	-0,6	0,1
Taxa de emprego (15 e mais anos)	52,3	51,4	51,2	49,9	49,4	1,3	-2,9	-0,5
Taxa de desemprego	13,5	14,6	14,7	16,5	17,6	4,6	4,1	1,1
Taxa de inatividade (15 e mais anos)	39,5	39,8	39,9	40,2	40,1	1,3	0,6	-0,1
<b>Alentejo</b>								
Taxa de atividade (15 e mais anos)	58,5	58,0	57,1	57,6	57,3	1,0	-1,2	-0,3
Taxa de emprego (15 e mais anos)	51,6	50,8	49,6	48,7	48,7	1,4	-2,9	0
Taxa de desemprego	11,8	12,3	13,1	15,4	15,0	6,5	3,2	-0,4
Taxa de inatividade (15 e mais anos)	41,5	42,0	42,9	42,4	42,7	1,3	1,2	0,3
<b>Algarve</b>								
Taxa de atividade (15 e mais anos)	62,0	63,3	61,7	61,5	61,8	1,1	-0,2	0,3
Taxa de emprego (15 e mais anos)	52,9	54,9	50,9	49,2	51,1	1,8	-1,8	1,9
Taxa de desemprego	14,7	13,3	17,5	20,0	17,4	6,7	2,7	-2,6
Taxa de inatividade (15 e mais anos)	38,0	36,7	38,3	38,5	38,2	1,8	0,2	-0,3
<b>Região Autónoma dos Açores</b>								
Taxa de atividade (15 e mais anos)	60,2	60,4	59,5	59,6	60,0	1,5	-0,2	0,4
Taxa de emprego (15 e mais anos)	54,3	53,3	50,5	51,4	50,6	2,8	-3,7	-0,8
Taxa de desemprego	9,7	11,6	15,1	13,9	15,6	9,5	5,9	1,7
Taxa de inatividade (15 e mais anos)	39,8	39,6	40,5	40,4	40,0	2,2	0,2	-0,4
<b>Região Autónoma da Madeira</b>								
Taxa de atividade (15 e mais anos)	63,5	63,7	62,1	63,5	63,1	1,7	-0,4	-0,4
Taxa de emprego (15 e mais anos)	54,9	54,6	53,7	53,2	52,5	2,9	-2,4	-0,7
Taxa de desemprego	13,5	14,3	13,5	16,1	16,8	9,0	3,3	0,7
Taxa de inatividade (15 e mais anos)	36,5	36,3	37,9	36,5	36,9	2,9	0,4	0,4

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego - 2º trimestre de 2012.

### 3. NOTAS METODOLÓGICAS

#### Objetivos

O Inquérito ao Emprego tem por principal objetivo a caracterização da população face ao trabalho. Pretende obter um conjunto de informação que permita, a partir dessa caracterização, analisar o mercado de trabalho enquanto realidade dinâmica e constitua um ponto de partida para a definição de políticas socioeconómicas.

O Inquérito ao Emprego tem por objetivos, designadamente:

- fornecer uma medida direta e comparável internacionalmente das alterações infra-anuais do emprego e do desemprego;
- avaliar, ao longo do ano, determinados fenómenos do mercado de trabalho, tais como o emprego, o desemprego e as horas trabalhadas, entre outros;
- fornecer dados estruturais anuais relacionados com o nível de emprego e desemprego.

#### Periodicidade

O Inquérito ao Emprego é um inquérito realizado trimestralmente que fornece resultados trimestrais e anuais.

#### Período de referência

As características observadas no inquérito referem-se fundamentalmente à situação no decorrer de uma semana pré-definida (de Segunda a Domingo), denominada semana de referência. As semanas de referência são repartidas uniformemente pelo trimestre e ano. As entrevistas realizam-se normalmente na semana imediatamente seguinte à semana de referência.

#### População

O Inquérito ao Emprego é dirigido a residentes em alojamentos familiares no espaço nacional.

Consideram-se residentes no alojamento, os indivíduos que, na semana de referência, vivam nesse alojamento, considerando ser essa a sua residência principal, e ainda os indivíduos que estejam ausentes do alojamento por um período inferior a um ano.

O inquérito é alargado às pessoas a viver em alojamentos coletivos que se consideram ter alguma contribuição, real ou potencial, para o mercado de trabalho, como é o caso dos militares de carreira em quartéis, estudantes em escolas com internato ou em lares. A informação relativa a estas pessoas é recolhida nos alojamentos privados aos

quais possam ser associadas, isto é, que aí tenham residência.

São excluídos do âmbito deste inquérito todos os indivíduos a residir noutros alojamentos coletivos (hotéis, pensões e similares, instituições de assistência - asilos, orfanatos e lares de 3ª idade - e instituições religiosas) e indivíduos a viver em alojamentos móveis.

#### Base de amostragem

A amostra do Inquérito ao Emprego é selecionada a partir de uma base de amostragem (constituída por um ficheiro de alojamentos familiares) denominada “Amostra-Mãe”, que foi construída a partir dos dados do Recenseamento da População e Habitação de 2001 (Censos 2001).

#### Unidades de observação

São observados dois tipos de unidades: agregado doméstico privado e indivíduo.

A informação é recolhida para todos os indivíduos pertencentes ao mesmo alojamento.

#### Desenho da amostra

A amostra do Inquérito ao Emprego é do tipo painel com um esquema de rotação no qual os alojamentos permanecem na amostra durante seis trimestres consecutivos. A amostra total está dividida em seis subamostras (rotações) e em cada trimestre cada subamostra é substituída por outra depois de ter sido observada seis vezes.

Para a determinação da dimensão da amostra utilizaram-se os seguintes critérios:

- para cada região NUTS II e para a variável desemprego, desde que a sua representatividade amostral face à população em idade ativa seja de pelo menos 5%, o desvio-padrão relativo da média anual não poderá exceder 8% dessa estimativa;
- para qualquer subpopulação amostral cujo efetivo seja pelo menos 5% da população em idade ativa<sup>4</sup>, o desvio-padrão relativo da estimativa da variação entre dois trimestres sucessivos, a nível nacional, não deverá exceder 3% dessa subpopulação.

<sup>4</sup> Considera-se “em idade ativa” os indivíduos que tiverem idade igual ou superior a 15 anos.

## Recolha dos dados

O Inquérito ao Emprego é um inquérito por recolha direta. A informação é obtida através de entrevista direta ao indivíduo em questão ou a outro membro do agregado se o próprio não estiver presente e algum dos membros do agregado presentes for considerado apto a responder por ele.

A recolha da informação é feita através de entrevista assistida por computador (sistema CAPI – *Computer Assisted Personal Interviewing* ou CATI – *Computer Assisted Telephone Interviewing*). Segundo este modo de recolha misto, a primeira inquirição (primeira entrevista ao alojamento) é feita presencialmente e as cinco inquirições seguintes, se forem cumpridos determinados requisitos, são feitas por telefone.

## Resultados

A proteção do segredo estatístico é assegurada através da supressão da identificação pessoal dos registos individuais, na fase de processamento da informação.

A extrapolação dos resultados é feita a partir de sistemas de ponderadores regionais, determinados a partir de estimativas independentes da população. Estes ponderadores são função das seguintes variáveis: região NUTS II por sexo e grupos etários quinquenais e ainda região NUTS III (ou agregações) por sexo ou grandes grupos etários.

É possível realizar apuramentos de qualquer uma das variáveis observadas, de acordo com as especificações pretendidas e respeitando a qualidade da informação, atendendo aos erros de amostragem que lhe estejam associados.

O INE pode ainda disponibilizar outro tipo de informação ou outro tipo de desagregação das variáveis, mediante pedido específico, desde que os erros de amostragem estejam dentro de valores aceitáveis e desde que a informação se enquadre no quadro conceptual e metodológico do inquérito.

## Erros de amostragem

O objetivo de um inquérito por amostragem é o de generalizar a informação obtida numa amostra (fração reduzida da população) ao universo em análise, através de métodos que assegurem resultados para a população muito próximos da realidade.

Às estimativas obtidas associa-se uma margem de erro relativamente aos verdadeiros valores que se obteriam numa inquirição a toda a população, apresentada sob a forma de coeficiente de variação.

A partir da estimativa e do respetivo coeficiente de variação podem-se construir intervalos de confiança, os quais contêm o verdadeiro valor do parâmetro ou característica com uma certa probabilidade (geralmente

67%, 95% ou 99%), devendo para isso utilizar-se as seguintes expressões:

- Intervalo de confiança de 67% =  
estimativa  $\pm$   $1 \times$  coeficiente de variação  $\times$  estimativa
- Intervalo de confiança de 95% =  
estimativa  $\pm$   $1,96 \times$  coeficiente de variação  $\times$  estimativa
- Intervalo de confiança de 99% =  
estimativa  $\pm$   $2,58 \times$  coeficiente de variação  $\times$  estimativa

Por exemplo, para determinar os intervalos de confiança para a variável cujo valor estimado seja de 5 605,6 milhares e o coeficiente de variação associado de 0,5%, deverá proceder-se da seguinte forma:

### Intervalo de Confiança a 67%

Limite Inferior =

$$\text{estimativa} - 1 \times \text{coeficiente de variação} \times \text{estimativa} = 5\,605,6 - 1 \times 0,005 \times 5\,605,6 = 5\,579,8.$$

Limite superior =

$$\text{estimativa} + 1 \times \text{coeficiente de variação} \times \text{estimativa} = 5\,605,6 + 1 \times 0,005 \times 5\,605,6 = 5\,631,4.$$

### Intervalo de Confiança a 95%

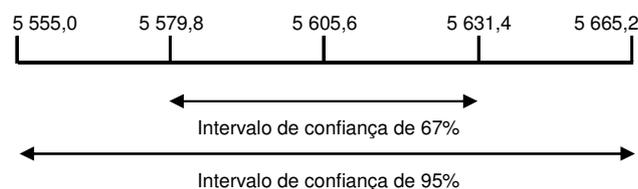
Limite Inferior =

$$\text{estimativa} - 1,96 \times \text{coeficiente de variação} \times \text{estimativa} = 5\,605,6 - 1,96 \times 0,005 \times 5\,605,6 = 5\,555,0.$$

Limite superior =

$$\text{estimativa} + 1,96 \times \text{coeficiente de variação} \times \text{estimativa} = 5\,605,6 + 1,96 \times 0,005 \times 5\,605,6 = 5\,665,2.$$

No seguinte diagrama podemos observar os dois intervalos de confiança calculados anteriormente. O diagrama ilustra a forma como o intervalo aumenta de acordo com a probabilidade deste conter o verdadeiro valor da variável.



No Quadro C apresentam-se os valores dos coeficientes de variação, para as principais variáveis, e os intervalos de confiança respetivos.

Quadro C: Precisão de alguns resultados 2º trimestre de 2012				
Variáveis	Estimativa (milhares)	C.V. (%)	Intervalo de confiança de 95%	
			Limite inferior	Limite superior
População ativa	5 515,2	0,4	5 472,0	5 558,4
População empregada	4 688,2	0,6	4 633,1	4 743,3
Agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca (a)	498,6	3,7	462,4	534,8
Indústria, construção, energia e água (a)	1 210,4	2,1	1 160,6	1 260,2
Serviços (a)	2 979,2	1,1	2 915,0	3 043,4
População desempregada	826,9	2,4	788,0	865,8
Procura 1º emprego	81,9	7,0	70,7	93,1
Procura novo emprego	745,0	2,6	707,0	783,0
População inativa	5 085,6	0,5	5 035,8	5 135,4

**Nota:** (a) As estimativas apresentadas têm como referência a CAE-Rev. 3.

### Classificações

NUTS - Nomenclatura das Unidades Territoriais para fins Estatísticos, Versão de 2002, estabelecida pelo Decreto-lei nº. 244/2002 e pelo regulamento comunitário nº 1059/2003 (NUTS-2002).

- Nível II: Norte, Centro, Lisboa, Alentejo, Algarve, Região Autónoma dos Açores e Região Autónoma da Madeira.

CAE-Rev. 3 – Classificação Portuguesa das Atividades Económicas, Revisão 3.

CPP-10 – Classificação Portuguesa de Profissões, Versão 2010.

## 4. CONCEITOS

**Desempregado:** indivíduo com idade dos 15 aos 74 anos que, no período de referência, se encontrava simultaneamente nas situações seguintes:

- não tinha trabalho remunerado nem qualquer outro;
- estava disponível para trabalhar num trabalho remunerado ou não;
- tinha procurado ativamente um trabalho ao longo de um período especificado (período de referência ou nas três semanas anteriores) para encontrar um emprego remunerado ou não.

Considera-se como **procura ativa**:

- contacto com um centro de emprego público ou agências privadas de colocações;
- contacto com empregadores;
- contactos pessoais ou com associações sindicais;
- colocação, resposta ou análise de anúncios;
- procura de terrenos, imóveis ou equipamentos;
- realização de provas ou entrevistas para seleção;
- solicitação de licenças ou recursos financeiros para a criação de empresa própria.

O critério de **disponibilidade** para aceitar um emprego é fundamentado no seguinte:

- no desejo de trabalhar;
- na vontade de ter atualmente um emprego remunerado ou uma atividade por conta própria caso consiga obter os recursos necessários;
- na possibilidade de começar a trabalhar num período especificado (período de referência ou nas duas semanas seguintes).

Inclui o indivíduo que, embora tendo um emprego, só vai começar a trabalhar numa data posterior à do período de referência (nos três meses seguintes).

**Desempregado à procura de novo emprego:** indivíduo desempregado que já teve um emprego.

**Desempregado à procura de primeiro emprego:** indivíduo desempregado que nunca teve emprego.

**Desempregado de longa duração:** indivíduo desempregado à procura de emprego há 12 ou mais meses.

**Empregado:** indivíduo com idade mínima de 15 anos que, no período de referência, se encontrava numa das situações seguintes:

- tinha efetuado um trabalho de pelo menos uma hora, mediante o pagamento de uma remuneração ou com vista a um benefício ou ganho familiar em dinheiro ou em géneros;
- tinha um emprego, não estava ao serviço, mas tinha uma ligação formal com o seu emprego;
- tinha uma empresa mas não estava temporariamente ao trabalho por uma razão específica;
- estava em situação de pré-reforma mas encontrava-se a trabalhar no período de referência.

**Inativo:** indivíduo que, independentemente da sua idade, no período de referência, não podia ser considerado economicamente inativo, isto é, não estava empregado nem desempregado.

**Inativo à procura emprego mas não disponível:** inativo com idade dos 15 aos 74 anos que, no período de referência, tinha procurado ativamente um emprego ao longo de um período especificado (período de referência ou nas três semanas anteriores), mas não estava disponível para trabalhar. O conceito de procura ativa e o critério de disponibilidade são os mesmos que foram definidos para o conceito de desempregado. Inclui ainda:

- o inativo que tinha procurado um emprego segundo um método de procura passiva (ex. estar à espera dos resultados de uma entrevista) e estava disponível para trabalhar;
- o inativo que não tinha procurado um emprego porque vai começar a trabalhar dentro de três meses e não estava disponível para trabalhar;
- o inativo que não tinha procurado um emprego porque vai começar a trabalhar após três meses

**Inativo disponível mas que não procura emprego:** inativo com idade dos 15 aos 74 anos que, no período de referência, estava disponível para trabalhar, mas não tinha procurado um emprego ao longo de um período especificado (período de referência ou nas três semanas anteriores).

**Nível de escolaridade completo:** refere-se ao nível ou grau de ensino mais elevado que o indivíduo concluiu, em termos de níveis e graus do sistema formal de ensino, isto é, do ensino básico, secundário e superior, e obteve o respetivo certificado ou diploma.

**População ativa:** conjunto de indivíduos com idade mínima de 15 anos que, no período de referência, constituíam a mão de obra disponível para a produção de bens e serviços que entram no circuito económico (empregados e desempregados).

**População inativa:** conjunto de indivíduos que, independentemente da sua idade, no período de referência, não podiam ser considerados economicamente ativos, isto é, não estavam empregados nem desempregados.

**Situação na profissão:** relação de dependência ou independência de um indivíduo ativo no exercício da profissão, em função dos riscos económicos em que incorre e da natureza do controlo que exerce na empresa.

**Subemprego de trabalhadores a tempo parcial:** conjunto de indivíduos empregados dos 15 aos 74 anos que, no período de referência, tinham um trabalho a tempo parcial e declararam pretender trabalhar mais horas do que as que habitualmente trabalham em todas as atividades e estavam disponíveis para começar a trabalhar as horas pretendidas num período especificado (período de referência ou nas duas semanas seguintes).

**Taxa de atividade:** taxa que permite definir a relação entre a população ativa e a população total.

$$T.A. (\%) = (\text{População ativa} / \text{População total}) \times 100$$

**Taxa de atividade (15 e mais anos):** taxa que permite definir a relação entre a população ativa e a população total em idade ativa (com 15 e mais anos).

$$T.A. (\%) = (\text{População ativa} / \text{População total com 15 e mais anos}) \times 100$$

**Taxa de desemprego:** taxa que permite definir a relação entre a população desempregada e a população ativa.

$$T.D. (\%) = (\text{População desempregada} / \text{População ativa}) \times 100$$

**Taxa de desemprego de longa duração:** taxa que permite definir a relação entre a população desempregada há 12 e mais meses e a população ativa.

$$T.D. (\%) = (\text{População desempregada há 12 e mais meses} / \text{População ativa}) \times 100$$

**Taxa de emprego (15 e mais anos):** taxa que permite definir a relação entre a população empregada e a população total em idade ativa (com 15 e mais anos).

$$T.E. (\%) = (\text{População empregada} / \text{População total com 15 e mais anos}) \times 100$$

**Taxa de inatividade (15 e mais anos):** taxa que permite definir a relação entre a população inativa em idade ativa (com 15 e mais anos) e a população total em idade ativa (com 15 e mais anos).

$$T.I. (\%) = (\text{População inativa com 15 e mais anos} / \text{População total com 15 e mais anos}) \times 100$$

**Taxa de variação anual:** a variação anual compara o nível médio da variável dos quatro trimestres do último ano com o dos quatro trimestres do ano imediatamente anterior. Por ser uma média, esta taxa de variação é menos sensível a alterações esporádicas na variável.

**Taxa de variação homóloga:** a variação homóloga compara o nível da variável entre o trimestre corrente e o mesmo trimestre do ano anterior. Esta taxa de variação, perante um padrão estável de sazonalidade, não é afetada por oscilações desta natureza podendo, no entanto, ser influenciada por efeitos localizados num trimestre específico.

**Taxa de variação trimestral:** a variação trimestral compara o nível da variável entre dois trimestres consecutivos. Embora seja um indicador que permite um acompanhamento corrente do andamento da variável, o cálculo desta taxa de variação é particularmente influenciado por efeitos de natureza sazonal e outros mais específicos localizados num (ou em ambos) dos trimestres comparados.

**Trabalhador a tempo completo:** trabalhador cujo período de trabalho tem uma duração igual ou superior à duração normal de trabalho em vigor na empresa/instituição, para a respetiva categoria profissional ou na respetiva profissão.

**Trabalhador a tempo parcial:** trabalhador cujo período de trabalho tem uma duração inferior à duração normal de trabalho em vigor na empresa/instituição, para a respetiva categoria profissional ou na respetiva profissão.

**Trabalhador com contrato a termo:** indivíduo ligado à empresa/instituição por um contrato reduzido a escrito com fixação do seu termo e com menção concretizada de modo justificativo: 1) a termo certo: quando no contrato escrito conste expressamente a estipulação do prazo de duração do contrato e a indicação do seu termo; 2) a termo incerto: quando o contrato de trabalho dure por todo o tempo necessário à substituição do trabalhador ausente ou à conclusão da atividade, tarefa ou obra cuja execução justifica a sua celebração.

**Trabalhador com contrato permanente:** indivíduo ligado à empresa/instituição por um contrato de trabalho sem termo ou de duração indeterminada.

**Trabalhador familiar não remunerado:** indivíduo que exerce uma atividade independente numa empresa orientada para o mercado e explorada por um familiar, não sendo contudo seu associado nem estando vinculado por um contrato de trabalho.

**Trabalhador por conta de outrem:** indivíduo que exerce uma atividade sob a autoridade e direção de outrem, nos termos de um contrato de trabalho, sujeito ou não a forma escrita, e que lhe confere o direito a uma remuneração, a qual não depende dos resultados da unidade económica para a qual trabalha.

**Trabalhador por conta própria:** indivíduo que exerce uma atividade independente, com associados ou não,

obtendo uma remuneração que está diretamente dependente dos lucros (realizados ou potenciais) provenientes de bens ou serviços produzidos. Os associados podem ser, ou não, membros do agregado familiar. Um trabalhador por conta própria pode ser classificado como trabalhador por conta própria como isolado ou como empregador.

**Trabalhador por conta própria como isolado:** indivíduo que exerce uma atividade independente, com associados ou não, obtendo uma remuneração que está diretamente dependente dos lucros (realizados ou potenciais) provenientes de bens ou serviços produzidos e que habitualmente não contrata trabalhador(es) por conta de outrem para trabalhar(em) com ele. Os associados podem ser, ou não, membros do agregado familiar.

**Trabalhador por conta própria como empregador:** indivíduo que exerce uma atividade independente, com associados ou não, obtendo uma remuneração que está diretamente dependente dos lucros (realizados ou potenciais) provenientes de bens ou serviços produzidos e que, a esse título, emprega habitualmente um ou vários trabalhadores por conta de outrem para trabalharem na sua empresa. Os associados podem ser, ou não, membros do agregado familiar.

## 5. OUTRA INFORMAÇÃO DISPONÍVEL

### População total

1. População com 15 e mais anos segundo o nível de escolaridade completo, por grupo etário e sexo
2. População com 15 e mais anos segundo a autoclassificação em termos de ocupação, por condição perante o trabalho
3. População com 15 e mais anos segundo a autoclassificação em termos de ocupação um ano antes, por autoclassificação em termos de ocupação atual

### População empregada

4. População empregada por atividade principal (CAE-Rev. 3) e sexo
5. População empregada segundo o setor de atividade principal (CAE-Rev. 3), por situação na profissão principal e sexo
6. População empregada segundo o setor de atividade principal (CAE-Rev. 3), por regime de duração do trabalho e sexo
7. População empregada segundo o setor de atividade principal (CAE-Rev. 3), por antiguidade no emprego atual
8. População empregada segundo o setor de atividade principal (CAE-Rev. 3), por tipo de horário de trabalho e sexo
9. População empregada segundo o setor de atividade principal (CAE-Rev. 3), por duração semanal habitual do trabalho e sexo
10. População empregada segundo o setor de atividade principal (CAE-Rev. 3), por nível de escolaridade completo e sexo
11. População empregada segundo o setor de atividade principal (CAE-Rev. 3), por exercício de atividade secundária e sexo
12. População empregada com atividade secundária segundo o setor de atividade secundária, por setor de atividade principal (CAE-Rev. 3)
13. População empregada segundo a situação na profissão principal, por profissão principal (CPP-10)
14. População empregada segundo a situação na profissão principal, por nível de escolaridade completo e sexo
15. Trabalhadores por conta de outrem segundo o setor de atividade principal (CAE-Rev. 3), por tipo de contrato de trabalho e sexo
16. Trabalhadores por conta de outrem por profissão principal (CPP-10) e sexo
17. Trabalhadores por conta de outrem por atividade principal (CAE-Rev. 3) e sexo

### População desempregada

18. População desempregada por tipo de desemprego, duração da procura de emprego e sexo
19. População desempregada por diligências feitas para encontrar trabalho
20. População desempregada à procura de novo emprego por situação na profissão anterior e sexo
21. População desempregada à procura de novo emprego por setor da atividade anterior (CAE-Rev. 3) e sexo

### Regiões NUTS II

22. População total segundo a região de residência NUTS II (NUTS – 2002), por grupo etário e sexo
23. População total, ativa, empregada, desempregada e inativa segundo a região de residência NUTS II (NUTS – 2002), por sexo

24. População total, ativa, empregada, desempregada e inativa segundo a região de residência NUTS II (NUTS – 2002), por grupo etário
25. População ativa segundo a região de residência NUTS II (NUTS – 2002), por nível de escolaridade completo
26. População inativa segundo a região de residência NUTS II (NUTS – 2002), por categoria de inatividade
27. População empregada segundo a região de residência NUTS II (NUTS – 2002), por atividade principal (CAE-Rev. 3)
28. População empregada segundo a região de residência NUTS II (NUTS – 2002), por profissão principal (CPP-10)
29. População empregada segundo a região de residência NUTS II (NUTS – 2002), por situação na profissão principal
30. Trabalhadores por conta de outrem segundo a região de residência NUTS II (NUTS – 2002), por setor de atividade principal (CAE-Rev. 3) e escalão de rendimento salarial mensal líquido
31. Rendimento salarial médio mensal líquido dos trabalhadores por conta de outrem segundo a região de residência NUTS II (NUTS – 2002), por setor de atividade principal (CAE-Rev. 3)
32. População desempregada segundo a região de residência NUTS II (NUTS – 2002), por tipo de desemprego e duração da procura de emprego
33. Taxa de atividade, taxa de emprego, taxa de desemprego e taxa de inatividade segundo a região de residência NUTS II (NUTS – 2002), por sexo
34. Taxa de atividade, taxa de emprego, taxa de desemprego e taxa de inatividade segundo a região de residência NUTS II (NUTS – 2002), por grupo etário

**Nota:** Estes quadros encontram-se disponíveis, em formato Excel e CSV, em:

[http://www.ine.pt/portal/page/portal/PORTAL\\_INE/Publicacoes](http://www.ine.pt/portal/page/portal/PORTAL_INE/Publicacoes) (selecionando Estatísticas do Emprego – 2º trimestre de 2012). No 4º trimestre de cada ano, são também disponibilizados quadros contendo informação anual.

## 6. TEMA EM ANÁLISE

### Indicadores suplementares do desemprego: três indicadores novos disponibilizados pelo INE

Sónia Torres \* – Instituto Nacional de Estatística

#### 1. Introdução

Os conceitos em vigor no Inquérito ao Emprego resultam das recomendações da Organização Internacional do Trabalho (OIT). Por sua vez, estas recomendações são provenientes da resolução da 13ª Conferência Internacional dos Estatísticos do Trabalho de 1982. De acordo com esta resolução, a população total pode ser dividida em três categorias: empregados, desempregados e inativos. Estas categorias são mutuamente exclusivas e definidas sequencialmente. A transposição destas recomendações para o Inquérito ao Emprego, resultou nos conceitos seguintes:

**Empregado:** indivíduo com idade mínima de 15 anos que, no período de referência, se encontrava numa das situações seguintes:<sup>5</sup>

- tinha efetuado um trabalho de pelo menos uma hora, mediante o pagamento de uma remuneração ou com vista a um benefício ou ganho familiar em dinheiro ou em géneros;
- tinha um emprego, não estava ao serviço, mas tinha uma ligação formal com o seu emprego;
- tinha uma empresa, mas não estava temporariamente ao trabalho por uma razão específica;
- estava em situação de pré-reforma, mas encontrava-se a trabalhar no período de referência.

**Desempregado:** indivíduo com idade dos 15 aos 74 anos que, no período de referência, se encontrava simultaneamente nas situações seguintes:

- não tinha trabalho remunerado nem qualquer outro;
- estava disponível para trabalhar num trabalho remunerado ou não;
- tinha procurado ativamente um trabalho ao longo de um período especificado (período de referência ou nas três semanas anteriores) para encontrar um emprego remunerado ou não.

\* As opiniões expressas no *Tema em análise* são da inteira responsabilidade dos autores e não coincidem necessariamente com a posição do Instituto Nacional de Estatística.

<sup>5</sup> As características observadas no Inquérito ao Emprego referem-se fundamentalmente à situação no decorrer de uma semana pré-definida (de Segunda a Domingo), denominada semana de referência. As semanas de referência são repartidas uniformemente pelo trimestre e pelo ano. As entrevistas realizam-se, normalmente, na semana imediatamente seguinte à semana de referência.

Considera-se como procura ativa:

- contacto com um centro de emprego público ou agências privadas de colocações;
- contacto com empregadores;
- contactos pessoais ou com associações sindicais;
- colocação, resposta ou análise de anúncios;
- procura de terrenos, imóveis ou equipamentos;
- realização de provas ou entrevistas para seleção;
- solicitação de licenças ou recursos financeiros para a criação de empresa própria.

O critério de disponibilidade para aceitar um emprego é fundamentado no seguinte:

- no desejo de trabalhar;
- na vontade de ter atualmente um emprego remunerado ou uma atividade por conta própria caso consiga obter os recursos necessários;
- na possibilidade de começar a trabalhar num período especificado (período de referência ou nas duas semanas seguintes).

Inclui o indivíduo que, embora tendo um emprego, só vai começar a trabalhar numa data posterior à do período de referência (nos três meses seguintes).

**Inativo:** indivíduo que, independentemente da sua idade, no período de referência, não podia ser considerado economicamente ativo, isto é, não estava empregado nem desempregado.

Este quadro conceptual é, por construção, simples e objetivo. Os conceitos referidos são passíveis de quantificação rigorosa e de forma tão harmonizada quanto possível entre os vários países que seguiram as recomendações da OIT. Ao mesmo tempo, permitem maximizar a consistência entre as várias fontes de informação. Por exemplo, a consideração de todo o trabalho com vista a uma remuneração na contabilização do número de empregados, mesmo que de apenas uma hora no período de referência, visa uma maior aderência à realidade produtiva captada pelas Contas Nacionais.

Este quadro, no entanto, também apresenta algumas limitações, das quais se destacam as seguintes:

- Em cada momento do tempo, uma pessoa só pode ser classificada numa única condição perante o trabalho, isto é, não pode estar “a meio caminho” entre duas situações diferentes. Com efeito, o quadro conceptual prevê apenas três condições perante o trabalho distintas (emprego, desemprego e inatividade) e não permite definir um contínuo de situações. Em alguns casos, esta característica pode ser considerada muito restritiva. Em todo o caso, também é verdade que o quadro atual permite obter

estimativas para subgrupos populacionais dentro de cada uma das três condições referidas, o que permite contornar aquela dificuldade.

- Dificuldades de classificação de situações de fronteira entre o emprego e o não emprego (que decorrem, essencialmente, dos critérios relacionados com o limiar de horas trabalhadas e a existência de uma remuneração para a classificação de um empregado) e entre o desemprego e a inatividade (nomeadamente, no que se refere a grupos de inativos que partilham algumas das características dos desempregados e com uma ligação ao mercado de trabalho maior do que dos restantes inativos).

Estes argumentos são frequentemente invocados para considerar que a medida oficial do desemprego é insuficiente para acompanhar o fenómeno de um ponto de vista social, ainda que possa ser a mais adequada do ponto de vista económico. Em todo o caso, não é a valia do indicador proposto que é questionada, mas a sua consideração como indicador único para descrever uma realidade tão complexa como a da subutilização do trabalho.

A solução que o INE adotou para contornar estas dificuldades, desde há alguns anos, foi a divulgação trimestral de indicadores suplementares do desemprego que permitem identificar grupos específicos de indivíduos entre os empregados e os inativos, que têm alguma relação com o desemprego, da forma mais objetiva possível. No caso dos empregados, tem sido publicada informação sobre a sua distribuição por escalões de horas trabalhadas, por escalões de rendimento salarial líquido, sobre o regime da duração do trabalho (a tempo completo ou parcial) e ainda estimativas do **subemprego visível**. No caso dos inativos, tem sido publicada informação sobre **inativos disponíveis** e **inativos desencorajados**. Os três indicadores destacados são publicados trimestralmente, em conjunto com as estimativas da população de onde são provenientes (população empregada e inativa).

Note-se que à medida que nos afastamos dos critérios objetivos que integram os conceitos oficiais de empregado e de desempregado, também caminhamos para áreas de contornos mais difusos em torno do desemprego. Na verdade, para se proceder à delimitação dos três grupos de indivíduos referidos são utilizadas variáveis potencialmente mais voláteis e de natureza mais subjetiva, tal como o “desejar trabalhar mais horas” (para definir o subemprego, entre os empregados) e o “desejar trabalhar” (para definir os dois subgrupos de inativos, entre os inativos).

Para acomodar as críticas frequentes sobre a possível subestimação do desemprego medido a partir das estatísticas oficiais, o *Bureau of Labor Statistics* (BLS) decidiu divulgar mensalmente seis medidas alternativas de desemprego (U-1 a U-6), em que a medida U-3

corresponde à taxa de desemprego oficial.<sup>6</sup> O balanço feito pelo BLS, ao fim de anos da adoção desta prática, indica que: cada utilizador tende a fixar as suas análises na medida que mais lhe convém; fica em falta a existência de um único indicador-chave; independentemente do número de pessoas envolvidas nas estimativas de cada medida, a evolução temporal das seis medidas alternativas tende a ser semelhante, o que diminui a sua pertinência enquanto medidas relevantes para o acompanhamento da conjuntura.

Ao contrário do INE e do BLS, o Eurostat apenas recentemente iniciou a divulgação de três indicadores de natureza idêntica aos divulgados em Portugal. Em 10 de novembro de 2011, publicou uma nota de imprensa anunciando a disponibilização destes indicadores para os países da União Europeia até 2010. Em 19 de abril de 2011, publicou outra nota de imprensa anunciando a disponibilização da mesma informação para 2011. O Eurostat mantém o propósito de divulgar esta informação, anualmente, em abril do ano seguinte ao ano de referência da informação.

Os três indicadores divulgados pelo Eurostat diferem, em alguns pontos, daqueles que o INE tem vindo a publicar. Trata-se dos seguintes três indicadores (definidos para o grupo etário dos 15 aos 74 anos): **subemprego de trabalhadores a tempo parcial, inativos à procura de emprego mas não disponíveis**, e **inativos disponíveis mas que não procuram emprego**.

Em linha com a prática do Eurostat e dos países que aderiram a esta iniciativa, o INE inicia a divulgação, com as “Estatísticas do Emprego - 2º trimestre de 2012”, destes três indicadores novos em substituição dos três indicadores anteriormente divulgados, sem prejuízo de poder realizar os apuramentos que os utilizadores solicitarem sobre os mesmos. No entanto, em Portugal, será mantida a publicação trimestral desta informação, no respeito do calendário de difusão trimestral das “Estatísticas do Emprego”. Isto significa que as médias anuais são disponibilizadas em fevereiro do ano seguinte ao ano de referência da informação, antes da divulgação do Eurostat (abril). Os três indicadores novos estão disponíveis, no Portal das Estatísticas Oficiais, desde o 1º trimestre de 1998 (valores trimestrais e médias anuais) por sexo, grupo etário, nível de escolaridade completa e região NUTS II.

Neste artigo, pretende-se:

- Apresentar os três indicadores novos suplementares do desemprego e explicar as diferenças que apresentam face aos anteriormente divulgados (secção 2).

<sup>6</sup> Em Portugal, este assunto foi tratado no Tema em análise “Medidas alternativas à taxa de desemprego oficial: a consideração dos inativos desencorajados e do subemprego visível”, publicado nas “Estatísticas do Emprego - 3º trimestre de 2006”.

- Analisar a ligação ao mercado de trabalho dos indivíduos cobertos por cada um destes indicadores, com base em informação de 2011 (secção 3).
- Analisar a composição socio económica destes grupos de indivíduos e proceder a comparações internacionais, também para 2011, e analisar a sua evolução temporal desde 1998 (secção 4).

## 2. Os novos indicadores suplementares do desemprego

### 2.1. Subemprego de trabalhadores a tempo parcial

O quadro conceptual da OIT funciona bem para medir o emprego como mão de obra em atividades produtivas. Assim sendo, é particularmente útil em análises económicas, uma vez que se considera toda a mão de obra utilizada na economia. Neste quadro, o desemprego representa a subutilização do trabalho ou a oferta de trabalho não utilizada.

No entanto, o desemprego não é uma medida exaustiva da quantidade de trabalho subutilizado, uma vez que também há empregados que gostariam de trabalhar mais horas (normalmente associadas a uma maior remuneração) e que estão disponíveis para o fazer. Isto remete-nos para o conceito de subemprego. Se for corretamente medido, o indicador resultante pode complementar o conceito de desemprego como medida da oferta de trabalho não utilizada.

O indicador subemprego é uma medida da subutilização da capacidade produtiva da população empregada, mas a noção de subutilização é complexa. Em geral, está associada à existência de um emprego não satisfatório (situação reportada pelo trabalhador, subjetiva) em dimensões passíveis de serem quantificadas (horas de trabalho insuficientes) ou não (remuneração insuficiente e/ou utilização insuficiente das qualificações, entre outras). A primeira componente foi designada de subemprego visível por ser a única passível de ser observada e quantificada (hoje em dia designada de *time-related*). O conceito de subemprego resultou da resolução da 16ª Conferência Internacional dos Estatísticos do Trabalho de 1998 e abrange todos os empregados que, num período de referência definido (que deve ser curto e igual ao definido para o emprego), desejavam trabalhar mais horas (pelo que realizaram uma procura ativa), estavam disponíveis para trabalhar essas horas adicionais e tinham trabalhado (em todos os empregos) menos do que um limiar-padrão de horário de trabalho.

Em linha com estas orientações, o INE tem vindo a publicar estimativas do subemprego visível. Na última série de dados, iniciada no 1º trimestre de 2011, o conceito de subemprego visível em vigor era o seguinte:

**Subemprego visível:** conjunto de indivíduos empregados com idade mínima de 15 anos que, no período de

referência, tinham um trabalho com duração habitual inferior à duração normal do posto de trabalho e que declararam pretender trabalhar mais horas do que as que habitualmente trabalham em todas as atividades e estavam disponíveis para começar a trabalhar as horas pretendidas.

O indicador de subemprego que o Eurostat publicou e que o INE passa a divulgar designa-se de subemprego de trabalhadores a tempo parcial. Face ao conceito que estava em vigor, apresenta as seguintes diferenças: é adicionada uma restrição sobre a idade (dos 15 a 74 anos); é acrescentada uma restrição sobre o regime da duração do trabalho (população empregada a tempo parcial); é retirada a restrição sobre a duração habitual do trabalho ser inferior à duração normal do posto de trabalho.

**Subemprego de trabalhadores a tempo parcial:** conjunto de indivíduos empregados dos 15 aos 74 anos que, no período de referência, tinham um trabalho a tempo parcial e declararam pretender trabalhar mais horas do que as que habitualmente trabalham em todas as atividades e estavam disponíveis para começar a trabalhar as horas pretendidas num período especificado (período de referência ou nas duas semanas seguintes).

Em termos gerais, o subemprego de trabalhadores a tempo parcial (o trabalho a tempo parcial é obtido por auto classificação) inclui os indivíduos que, apesar de estarem empregados, não trabalham a tempo completo e têm um volume de trabalho que consideram ser insuficiente, pelo que apresentam algumas semelhanças com os desempregados. Este indicador, captando o número de empregados a tempo parcial que gostariam de trabalhar mais horas e que estão disponíveis para o fazer, capta, em particular, os trabalhadores a tempo parcial que gostariam de ter um trabalho a tempo completo.

A restrição ao trabalho a tempo parcial foi considerada importante pelo Eurostat, na medida em que alguns estudos conduzidos permitiram concluir que as pessoas que trabalham a tempo completo e que indicam pretender trabalhar mais horas têm, em geral, um perfil diferente das que trabalham a tempo parcial: apesar de trabalharem muitas horas, têm um rendimento insuficiente e é por essa razão que indicam querer trabalhar mais horas. Pelo contrário, o subemprego de trabalhadores a tempo parcial centra-se nas situações relacionadas com o volume de trabalho insuficiente e, portanto, com o trabalho subutilizado de pessoas já empregadas.

Em Portugal, em 2011, subemprego de trabalhadores a tempo parcial envolveu 219,7 mil indivíduos, correspondendo a 34,1% do número total de trabalhadores a tempo parcial.

No mesmo ano, o subemprego visível (segundo o conceito anterior) era de 173,7 mil indivíduos.

## 2.2. Inativos à procura de emprego mas não disponíveis

Entre os inativos (não empregados que não cumprem pelo menos uma das três condições exigidas para serem considerados desempregados: não ter trabalho; estar disponível para trabalhar; ter procurado ativamente um trabalho), há subgrupos de indivíduos que assumem particular interesse, na medida em que:

- Não têm trabalho e não estão disponíveis para começar a trabalhar imediatamente (normalmente, num período de referência pré-definido e curto) porque enfrentam constrangimentos associados à necessidade de proceder a ajustamentos familiares anteriores ao início do novo trabalho (relacionados com o cuidado dos filhos ou de parentes idosos ou com a gestão do agregado doméstico).
- Não têm trabalho e não procuram ativamente um trabalho porque consideram que as perspetivas de encontrar emprego são limitadas ou apresentam restrições à mobilidade do trabalho ou barreiras de algum tipo (discriminação ou barreiras estruturais, sociais ou culturais).

O segundo indicador suplementar do desemprego publicado pelo Eurostat, que cobre um subgrupo da população inativa, é o dos inativos à procura de emprego mas não disponíveis, cujo conceito é o seguinte:

**Inativo à procura de emprego mas não disponível:** inativo com idade dos 15 aos 74 anos que, no período de referência, tinha procurado ativamente um emprego ao longo de um período especificado (período de referência ou nas três semanas anteriores), mas não estava disponível para trabalhar. O conceito de procura ativa e o critério de disponibilidade são os mesmos que foram definidos para o conceito de desempregado. Inclui ainda:

- o indivíduo que tinha procurado um emprego segundo um método de procura passiva (ex.: estar à espera dos resultados de uma entrevista) e estava disponível para trabalhar;
- o indivíduo que não tinha procurado um emprego porque vai começar a trabalhar dentro de três meses e não estava disponível para trabalhar;
- o indivíduo que não tinha procurado um emprego porque vai começar a trabalhar após três meses.

Este indicador inclui os indivíduos que não preenchem o requisito da disponibilidade para começar a trabalhar para serem considerados desempregados, apesar de procurarem ativamente um emprego. Outros grupos mais pequenos são incluídos para garantir uma maior abrangência (ex.: indivíduos que procuram um emprego, mas de forma passiva, como estar à espera dos resultados de uma entrevista, e indivíduos sem trabalho que já encontraram um emprego que vai começar mais tarde).

Este indicador nunca foi publicado em Portugal. Em 2011, os inativos à procura de emprego mas não disponíveis abrangiam 32,6 mil indivíduos.

## 2.3. Inativos disponíveis mas que não procuram emprego

O terceiro indicador suplementar do desemprego publicado pelo Eurostat, que também cobre um subgrupo da população inativa, é o dos inativos disponíveis mas que não procuram emprego, cujo conceito é o seguinte:

**Inativo disponível mas que não procura emprego:** inativo com idade dos 15 aos 74 anos que, no período de referência, estava disponível para trabalhar, mas não tinha procurado um emprego ao longo de um período especificado (período de referência ou nas três semanas anteriores).

Este indicador inclui os indivíduos que, apesar de quererem um emprego e estarem disponíveis para trabalhar, não preenchem o requisito da procura de emprego (nas últimas quatro semanas) para serem considerados desempregados. Inclui, entre outros, os inativos que não procuram emprego por razões económicas e os indivíduos que estão impedidos de procurar emprego por razões pessoais ou familiares.

Com exceção da idade de referência, este indicador corresponde ao que o INE divulgava sob a designação de inativos disponíveis.

Em Portugal, em 2011, os inativos à procura de emprego mas não disponíveis abrangiam 172,0 mil indivíduos.

Estes dois grupos de pessoas não fazem parte da população ativa, que inclui apenas empregados e desempregados (cf. Diagrama, no anexo), mas partilham algumas características dos desempregados (pretender ter um emprego e procurar trabalho ativamente ou estar disponível para trabalhar) e têm uma ligação tangível (marginal) ao mercado de trabalho maior do que os restantes inativos, como se mostra na secção 3.

A soma dos dois grupos de inativos referidos (que são mutuamente exclusivos) constitui uma medida da força de trabalho adicional potencial. Trata-se do conjunto de inativos que procuram emprego ou que não estão disponíveis para trabalhar, mas que não estão, simultaneamente, nem à procura de emprego, nem disponíveis para trabalhar. Em Portugal, em 2011, esta força de trabalho abrangia 204,7 mil indivíduos.

Os três indicadores suplementares do desemprego permitem enriquecer o quadro de análise tradicional, que está circunscrito a três condições perante o trabalho e permitem complementar as estatísticas oficiais do desemprego sem as pôr em causa, uma vez que estas são as únicas que são calculadas de forma objetiva e harmonizada entre os vários países.

Todas as estimativas incluídas neste artigo foram obtidas a partir do Inquérito ao Emprego, para Portugal, e do *European Union Labour Force Survey* (EU-LFS), para os países da União Europeia.

### 3. Grau de ligação ao mercado de trabalho

Os três indicadores suplementares do desemprego cobrem subgrupos de indivíduos que, sendo empregados ou inativos, partilham algumas das características dos desempregados, de acordo com a definição oficial, mas que, por não cumprirem todas as condições previstas em simultâneo, não são considerados desempregados. Alguns destes indivíduos auto classificam-se como desempregados.

Nesta secção, apresentam-se os três indicadores suplementares do desemprego como grupos de indivíduos na orla do desemprego e analisa-se o seu grau de ligação ao mercado de trabalho.

As variáveis utilizadas são as seguintes: antiguidade no emprego atual (para os indivíduos em situação de subemprego) ou a experiência anterior de trabalho (para os dois subgrupos de inativos), fluxos trimestrais entre estados do mercado de trabalho e condição perante o trabalho obtida por auto classificação.

A análise das características de cada um dos três grupos de indivíduos cobertos pelos indicadores novos é feita em comparação com as dos indivíduos noutras condições perante o trabalho (estado). Ao todo, serão comparados seis estados do mercado de trabalho da população com 15 e mais anos (cf. Diagrama, no anexo):

1. Subemprego de trabalhadores a tempo parcial
2. Outros empregados
3. Desempregados
4. Inativos à procura de emprego mas não disponíveis
5. Inativos disponíveis mas que não procuram emprego
6. Outros inativos

A soma das categorias 1 e 2 corresponde à população empregada e a soma das categorias 4 a 6 à população inativa com 15 e mais anos.

Em termos gerais, os resultados da informação analisada nesta secção indicam que os três indicadores novos captam conjuntos de pessoas que, independentemente do estado a que pertencem, partilham características de outros estados.

Os subempregados a tempo parcial têm uma maior ligação ao desemprego e à inatividade do que os restantes empregados, mas uma maior ligação ao mercado de trabalho dos que os não empregados.

Por seu turno, os inativos à procura de emprego mas não disponíveis e os inativos disponíveis mas que não procuram emprego têm uma menor ligação ao mercado

de trabalho do que os desempregados, mas maior do que os restantes inativos.

#### *Antiguidade no emprego atual e experiência anterior de trabalho*

Os subempregados a tempo parcial apresentam, em geral, uma menor antiguidade no emprego atual do que os restantes empregados (Quadro 1, no anexo). Em 2011, apenas 55,3% dos subempregados a tempo parcial estavam no emprego atual há dois e mais anos, bastante abaixo do que se observa para os restantes empregados (81,8%). Por outro lado, 32,0% estavam no emprego atual há menos de um ano, bastante acima do que se observa para os restantes empregados (11,4%).

Considerando uma outra partição da população empregada, em trabalhadores a tempo parcial e trabalhadores a tempo completo, verifica-se que os subempregados a tempo parcial apresentam uma distribuição mais próxima dos primeiros, embora com um distanciamento ainda muito marcado. Com efeito, 75,3% dos trabalhadores a tempo parcial estavam no emprego atual há dois e mais anos e 16,9% estavam no emprego atual há menos de um ano. Estas percentagens são bem diferentes das que se observam para os subempregados, o que significa que a menor ligação ao emprego destes indivíduos está mais associada à característica de subemprego do que de trabalho a tempo parcial.

No que se refere aos outros dois indicadores, que reportam a pessoas que não estão a trabalhar, a ligação ao mercado de trabalho pode ser aferida pela experiência anterior de trabalho (Quadro 2, no anexo). Entre os inativos à procura de emprego mas não disponíveis, 44,7% indicaram ter deixado de trabalhar há menos de dois anos. Esta percentagem é de 32,0% no caso dos inativos disponíveis mas que não procuram emprego. Ambas as percentagens são inferiores à que se observa para os desempregados (57,5%), mas superiores à que se observa para os restantes inativos (que não procuram nem estão disponíveis; 8,6%). Atente-se ainda ao padrão decrescente que é visível na primeira coluna do Quadro 2 e ao padrão crescente que está patente nas restantes colunas deste quadro. Por fim, note-se que 13,8% dos inativos à procura de emprego mas não disponíveis e 19,9% inativos disponíveis mas que não procuram emprego indicaram nunca ter trabalhado. Ambas as percentagens são superiores à observada para os desempregados (10,5%), mas inferiores à observada para os restantes inativos (25,9%).

Estes resultados revelam que, tanto os inativos à procura de emprego mas não disponíveis, como os inativos disponíveis mas que não procuram emprego têm uma ligação ao mercado de trabalho que é menor do que a dos desempregados, mas maior do que a dos restantes inativos (que não procuram emprego nem estão disponíveis para trabalhar). Por outras palavras, estes dois grupos de inativos, que constituem a força de

trabalho adicional potencial, situam-se algures entre o desemprego e a inatividade. Entre os dois grupos de inativos considerados, o primeiro (inativos à procura de emprego mas não disponíveis) apresenta uma maior ligação ao mercado de trabalho, quando essa ligação é aferida pela experiência anterior de trabalho.

### *Fluxos trimestrais entre seis estados do mercado de trabalho*

Uma melhor forma, embora também mais complexa, de avaliar o grau de ligação dos indivíduos ao mercado de trabalho consiste em analisar as probabilidades de, num determinado intervalo de tempo, transitarem para outra condição perante o trabalho ou de se manterem na inicial. Com este propósito, para os seis estados do mercado de trabalho referidos anteriormente, comparou-se a situação dos indivíduos em dois trimestres consecutivos. Para se ter uma estatística mais robusta dos fluxos de indivíduos, foram calculadas as médias das transições ocorridas entre os estados referidos nos três pares de trimestres seguintes: 1º e 2º trimestres de 2011; 2º e 3º trimestres de 2011; 3º e 4º trimestres de 2011. A amostra retida em cada um dos pares de trimestres correspondeu a pouco menos de 5/6 dos alojamentos comuns entre os dois trimestres, dado o esquema de rotação da amostra do Inquérito ao Emprego. Os dados apresentados foram ponderados, mas não recalibrados.<sup>7</sup> As taxas (*probabilidades*) de transição são apresentadas no Quadro 3 (anexo). Estas taxas são obtidas dividindo o número de pessoas que transitaram entre dois estados, no espaço de um trimestre, pelo número de pessoas que estavam no estado de origem no primeiro desses trimestres.

Na diagonal do Quadro 3 estão representadas as percentagens de indivíduos que permaneceram no mesmo estado no decurso de um trimestre (taxas de permanência). Pode constatar-se que 90,9% dos empregados não subempregados a tempo parcial permaneceram nesse estado no trimestre seguinte (note-se que esta taxa de permanência inclui os indivíduos que mudaram de trabalho, mas que se mantiveram empregados entre dois trimestres). Os restantes 9,1% transitaram para outras categorias, sendo que grande parte deles teve como destino outro tipo de inatividade (2,9%) e o desemprego (2,4%).

Como esperado, as categorias 2 (outros empregados) e 6 (outros inativos) têm taxas de permanência elevadas (90,9% e 60,0%, respetivamente). A estas junta-se a dos desempregados, com 63,6% (note-se que se trata de transições num espaço de tempo curto e num período caracterizado pelo aumento do desemprego de longa duração). Por seu turno, as categorias 1, 4 e 5 (correspondentes aos três indicadores suplementares do

desemprego) apresentam as menores taxas de permanência e, por conseguinte, um maior dinamismo.

De seguida, analisa-se em maior detalhe as taxas de saída dos estados correspondentes ao desemprego e aos três indicadores suplementares do desemprego (1, 3, 4 e 5) por estado de destino.

- De entre os subempregados a tempo parcial (categoria 1), 43,2% permanecem no mesmo estado no trimestre seguinte. Os que mudam de estado apresentam uma maior probabilidade de se moverem para outra situação no emprego (34,2%) do que para o desemprego (14,6%) ou a inatividade (8,0%, no total). Em geral, os subempregados a tempo parcial apresentam taxas de permanência moderadas e movem-se mais *para cima* (dentro da população ativa) do que *para baixo* (para a inatividade). Este grupo de indivíduos, no entanto, apresenta transições mais frequentes para o desemprego (14,6%) do que os restantes empregados (2,4%).
- De entre os desempregados (categoria 3), 63,6% permanecem no mesmo estado no trimestre seguinte. Os que mudam de estado apresentam uma maior probabilidade de se moverem *para cima* (20,4% tornam-se empregados, sendo que 15,1% se tornam empregados não subempregados) do que *para baixo* (16,1%, no total). As menores taxas de transição ocorrem para os destinos 4 (3,6%) e 1 (5,3%).
- O grupo dos inativos à procura de emprego mas que não estão disponíveis (categoria 4) é o mais dinâmico entre os seis analisados: apenas 3,4% destes indivíduos permanecem no mesmo estado ao fim de um trimestre. Os que mudam de situação apresentam uma maior probabilidade de se moverem *para cima* (63,6% passam a fazer parte da força de trabalho: 17,0% tornam-se empregados e 46,6% tornam-se desempregados) do que *para baixo* (33,0% movem-se para outra forma de inatividade).
- O grupo dos inativos disponíveis mas que não procuram emprego (categoria 5) apresenta uma maior probabilidade de permanecer nesse estado no trimestre seguinte (26,8%). Os que mudam de situação também apresentam uma maior probabilidade de se moverem *para cima* (43,9% passam a fazer parte da força de trabalho: 14,5% tornam-se empregados e 29,4% tornam-se desempregados) do que *para baixo* (29,3% movem-se para outra forma de inatividade).

Estes resultados mostram que os dois grupos de inativos em análise estão mais próximos do desemprego do que os restantes inativos, sendo que os inativos à procura de emprego mas que não estão disponíveis estão mais próximos do desemprego do que os inativos disponíveis mas que não procuram emprego. Ambos os grupos também estão mais próximos da população ativa, com taxas de transição trimestrais de 63,5% e 43,9%, respetivamente, do que os outros inativos (7,9%). Estes

<sup>7</sup> Por esta razão, os resultados da análise aqui conduzida têm natureza experimental, no sentido em que não fazem parte das estatísticas de fluxos oficiais regularmente divulgadas pelo INE.

resultados permitem justificar a designação adotada para estes indivíduos, em conjunto: força de trabalho adicional potencial.

### Auto classificação perante a atividade

Por último, também é possível caracterizar os indivíduos incluídos nos três grupos de indicadores suplementares do desemprego, a partir da forma como eles se auto classificam perante a atividade. Trata-se, neste caso, da percepção individual sobre a condição perante o trabalho, que difere da classificação que decorre das definições oficiais (que, sendo também baseadas em comportamentos individuais, são passíveis de quantificação mais objetiva).

No Quadro 4 (anexo), apresentam-se as estimativas da distribuição dos indivíduos de cada uma das seis categorias analisadas nesta secção por auto classificação da condição perante o trabalho.

Nas duas primeiras linhas do Quadro 4, pode observar-se um padrão semelhante, na medida em que, quer no caso dos subempregados a tempo parcial, quer dos restantes empregados, se verifica que a maior parte se consideravam, em 2011, empregados (74,1% no caso dos subempregados a tempo parcial e 92,2% no caso dos restantes empregados). Entre os subempregados a tempo parcial, 17,0% consideravam-se desempregados. A seguir, 4,3% consideravam-se domésticos. Os restantes empregados formam um grupo mais homogéneo, sendo que 92,2% se consideravam como empregados. Apenas será de destacar que 4,5% destes indivíduos se consideravam reformados ou incapacitados.

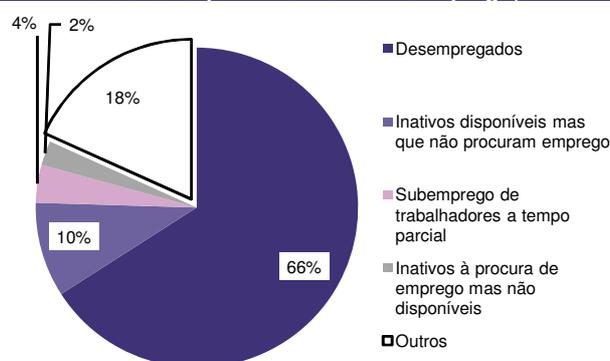
O padrão da distribuição da força de trabalho adicional potencial (linhas 4 e 5) assemelha-se ao dos desempregados (linha 3). Com efeito, a maior parte dos desempregados (classificados de acordo com as definições oficiais) consideravam-se, eles próprios, como desempregados: 90,7%. Esta percentagem é bastante menor, mas ainda assim correspondente à maior fatia da distribuição, quer à dos inativos à procura de emprego mas que não estão disponíveis (72,9%), quer à dos inativos disponíveis mas que não procuram emprego (54,1%). Uma fração substancial dos indivíduos pertencentes a estes dois grupos de inativos consideravam-se estudantes (12,9% e 16,4%, respetivamente) ou domésticos (6,1% e 17,6%). Apenas uma proporção de 3,1% e de 0,3%, respetivamente, se consideravam empregados.

Por fim, os outros inativos (inativos sem contar com a força de trabalho adicional potencial; linha 6), formam um grupo mais homogéneo: 95,7% consideravam-se inativos, 4% desempregados e apenas 0,3% empregados.

Como se conclui da análise conduzida, muitos indivíduos consideram-se desempregados apesar de não cumprirem todos os requisitos previstos nas definições oficiais para serem considerados desempregados e vice-versa. Em

geral, há mais indivíduos que se consideram desempregados do que os que são contados de forma objetiva: em 2011, estes números eram de 971,8 mil e 706,1 mil, respetivamente. Os três indicadores suplementares do desemprego agora divulgados permitem preencher parte da diferença, uma vez que captam as situações laborais que se encontram na orla do conceito oficial de desemprego. De entre as pessoas que se classificaram espontaneamente como desempregadas, 81,8% foram oficialmente classificadas como desempregadas ou num dos três grupos que definem os indicadores suplementares do desemprego (Gráfico 1). A maior parte dos restantes indivíduos que se consideravam desempregados (18,2%) são pessoas sem trabalho que não procuram emprego nem estão disponíveis para trabalhar.

**Gráfico 1: Cobertura do desemprego obtido por auto classificação pelo desemprego (oficial) e pelos indicadores suplementares do desemprego, 2011**



Os resultados apresentados nesta secção indicam também que as pessoas abrangidas pelos três indicadores suplementares do desemprego, embora partilhem de algumas características dos desempregados, não são totalmente equiparadas aos desempregados. Por esta razão, não é legítimo adicionar a estimativa do seu número ao número de desempregados para calcular taxas de desemprego alternativas à taxa de desemprego oficial.

No entanto, caso se pretenda obter uma “taxa de subutilização do trabalho”, o cálculo correspondente terá de estar em sintonia com o da taxa de desemprego oficial, isto é, procedendo-se à mera substituição da população desempregada, tanto no numerador como no denominador do indicador, pela medida escolhida para avaliar a subutilização do trabalho, segundo uma das alternativas seguintes:

- **Taxa 1:**  $[(\text{desempregados} + \text{inativos à procura de emprego mas não disponíveis} + \text{inativos disponíveis mas que não procuram emprego}) / (\text{empregados} + \text{desempregados} + \text{inativos à procura de emprego mas não disponíveis} + \text{inativos disponíveis mas que não procuram emprego})] \times 100$ .
- **Taxa 2:**  $[(\text{desempregados} + \text{inativos à procura de emprego mas não disponíveis} + \text{inativos disponíveis}) / (\text{empregados} + \text{desempregados} + \text{inativos à procura de emprego mas não disponíveis} + \text{inativos disponíveis})] \times 100$ .

mas que não procuram emprego + subemprego de trabalhadores a tempo parcial) / (empregados<sup>8</sup> + desempregados + inativos à procura de emprego mas não disponíveis + inativos disponíveis mas que não procuram emprego)] x 100.

Os cálculos realizados com base na informação de 2011 indicam que as taxas 1 e 2 acima seriam de 15,8% e de 19,7%, respetivamente (a taxa de desemprego oficial era, nesse ano, de 12,7%).

Por fim, importa reforçar que a realização destes exercícios levanta dois problemas difíceis de contornar:

- Os três indicadores novos, sem prejuízo do seu valor enquanto medidas suplementares do desemprego e de situações laborais cujo número de pessoas envolvidas e evolução temporal importa acompanhar, comportam desvios significativos aos conceitos oficiais, consensualizados internacionalmente, e envolvem dimensões de natureza mais subjetiva e mais difíceis de medir.
- Na taxa 2, a equiparação dos subempregados aos desempregados é questionável, uma vez que se trata de pessoas com um emprego remunerado (ainda que trabalhando um número de horas abaixo do desejado), o que não é de todo o caso dos desempregados e dos inativos.

#### 4. Composição socio demográfica, comparação internacional e evolução temporal

Nesta secção, faz-se uma análise descritiva da composição dos três grupos de indivíduos cobertos pelos três indicadores suplementares do desemprego, em 2011, para a qual se selecionaram as seguintes dimensões socio demográficas: sexo, grupo etário, nível de escolaridade completo e região NUTS II. De seguida, procede-se ao confronto dos resultados obtidos em Portugal com os dos países da União Europeia, em 2011. Por último, faz-se uma análise da evolução temporal destes indicadores, de 1998 a 2010.

Em 2011, em Portugal, o subemprego de trabalhadores a tempo parcial abrangia 219,7 mil indivíduos. No mesmo período, havia 32,6 mil inativos à procura de emprego mas não disponíveis e 172,0 mil inativos disponíveis mas que não procuram emprego. A força de trabalho adicional potencial ascendia assim a 204,6 mil indivíduos. A população desempregada era de 706,1 mil indivíduos.

##### *Distribuição por sexo: mulheres mais representadas nos três indicadores suplementares do desemprego*

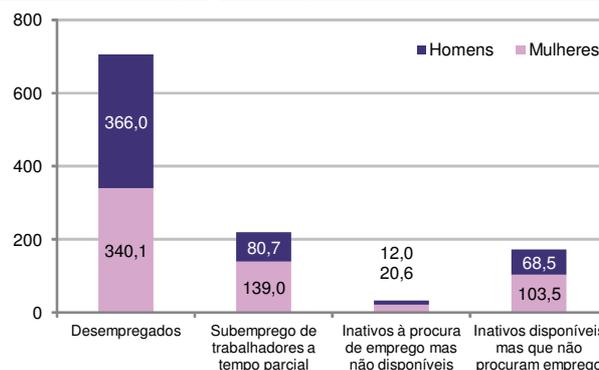
Os três indicadores suplementares do desemprego incluem predominantemente as mulheres (Gráfico 2). Este

<sup>8</sup> Note-se que o número de empregados, no denominador, já inclui o subemprego de trabalhadores a tempo parcial.

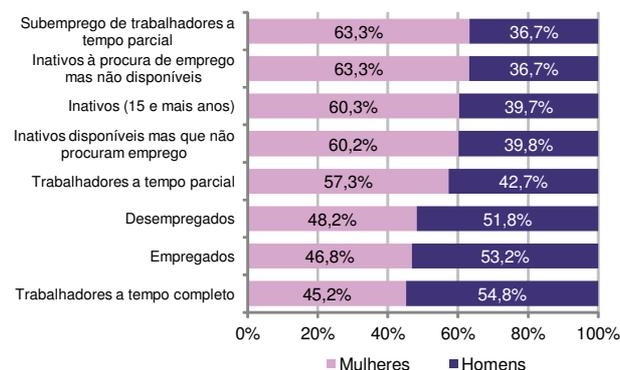
resultado contrasta com a maior predominância de homens no desemprego e no emprego (Gráfico 3).

Entre os três indicadores suplementares do desemprego, a predominância de mulheres é maior no grupo do subemprego de trabalhadores a tempo parcial: 139 mil mulheres vs. 80,7 mil homens, o que significa que quase dois terços das pessoas nesta situação são mulheres (63,3%).

**Gráfico 2: Desempregados e indicadores suplementares do desemprego, 2011 (milhares de indivíduos)**



**Gráfico 3: Distribuição por sexo de estados do mercado de trabalho selecionados, 2011**



Aquela assimetria espelha o hiato existente também ao nível do emprego a tempo parcial (subemprego ou não), já que 57,3% dos empregados a tempo parcial eram mulheres, enquanto 54,8% dos empregados a tempo completo eram homens.

Numa outra perspetiva, note-se também que mais de um terço (34,1%) da população empregada a tempo parcial se encontrava numa situação de subemprego. Acresce que, para além de haver menos homens subempregados, em termos absolutos, a percentagem de trabalhadores a tempo parcial que estão em situação de subemprego é menor nos homens (29,4%) do que nas mulheres (37,7%).

A predominância das mulheres também se observa para os inativos à procura de emprego mas não disponíveis (63,3%, ou seja, 20,6 mil mulheres vs. 12,0 mil homens) e entre os inativos disponíveis mas que não procuram

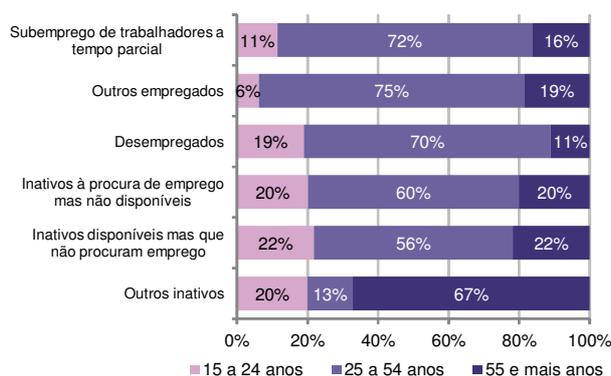
emprego (60,2%, ou seja, 103,5 mil mulheres vs. 68,5 mil homens). A proporção de mulheres neste último grupo é semelhante à observada globalmente para o grupo dos inativos (60,3%).

Por seu turno, a população empregada e a população desempregada eram compostas, em 2011, essencialmente por homens (53,2% e 51,8%, respetivamente).

**Distribuição por grupo etário: mais de 20% da força de trabalho adicional potencial era jovem (15 a 24 anos)**

Do total de 219,7 mil indivíduos em situação de subemprego a tempo parcial, 11,4% tinham idade dos 15 aos 24 anos, 72,2% dos 25 aos 54 anos e 16,4% dos 55 aos 74 anos (Gráfico 4). Esta distribuição distingue-se da que descreve o grupo dos restantes empregados, que é composto, proporcionalmente, por menos jovens (6,2%), e por mais indivíduos pertencentes aos outros dois grupos etários (75,2% e 18,6%, respetivamente). Em resultado, os subempregados a tempo parcial são, em média, mais jovens dos que os restantes empregados.

**Gráfico 4: Distribuição por grupo etário de seis estados do mercado de trabalho, 2011**



Entre os 32,6 mil inativos à procura de emprego mas não disponíveis, a distribuição era a seguinte: 20,1% tinham idade dos 15 aos 24 anos, 59,8% dos 25 aos 54 anos e 20,1% dos 55 aos 74 anos.

Entre os 172,0 mil inativos disponíveis mas que não procuram emprego, a distribuição era muito semelhante à do grupo anterior: 21,8% tinham idade dos 15 aos 24 anos, 56,4% dos 25 aos 54 anos e 21,8% dos 55 aos 74 anos.

Nestes dois grupos de inativos, a percentagem de jovens (15 a 24 anos) está muito próxima da que se observa para o conjunto dos restantes inativos com 15 e mais anos (19,9%) e para os desempregados (18,9%), mas a percentagem daqueles com 55 e mais anos é bastante inferior à dos restantes inativos (67,2%), mas superior à dos desempregados (11,0%). Em suma, em termos de distribuição etária, estes inativos estão mais próximos do

padrão etário dos desempregados do que dos restantes inativos.

**Distribuição por nível de escolaridade: 20% dos subempregados a tempo parcial completaram o ensino superior**

O nível de escolaridade completo é uma dimensão relevante em análises do mercado de trabalho. O Gráfico 5 apresenta a distribuição da população de cada um dos seis estados do mercado de trabalho pré definidos (incluindo os três indicadores suplementares do desemprego) pelos três níveis de escolaridade completos seguintes: até ao básico – 3º ciclo; secundário e pós-secundário; superior.

Como se depreende da sua leitura, 19,9% dos subempregados a tempo parcial tinham completado o ensino superior. Este valor é ligeiramente superior ao observado para os restantes empregados (18,8%) e para os desempregados (13,0%). Os indivíduos que completaram, no máximo, o 3º ciclo do ensino básico representavam a maior parte (64,5%). Esta proporção encontra-se entre as que se observam para os restantes empregados (61,0%) e para os desempregados (65,8%). Em termos de distribuição por níveis de escolaridade, os subempregados a tempo parcial estão mais próximos do perfil dos empregados do que dos desempregados.

**Gráfico 5: Distribuição por nível de escolaridade completo de seis estados do mercado de trabalho, 2011**



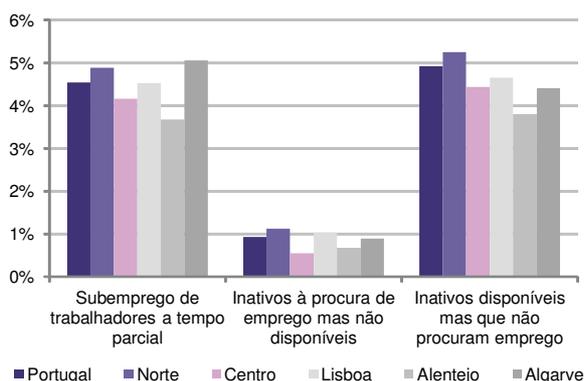
Por outro lado, 11,8% dos inativos à procura de emprego mas não disponíveis e 8,3% dos inativos disponíveis mas que não procuram emprego tinham completado o ensino superior, em ambos os casos bastante acima da média observada para os restantes inativos (5,7%), mas abaixo da média observada para os desempregados (13,0%). Por fim, 69,2% dos inativos à procura de emprego mas não disponíveis e 74,6% dos inativos disponíveis mas que não procuram emprego tinham completado, no máximo, o 3º ciclo do ensino básico, em ambos os casos bastante abaixo da média observada para os restantes inativos (83,3%), mas acima da média observada para os desempregados (65,8%). Em termos de distribuição por níveis de escolaridade, os inativos à procura de emprego

mas não disponíveis estão mais próximos do perfil dos desempregados do que os restantes inativos, sucedendo o inverso no caso dos inativos disponíveis mas que não procuram emprego.

**Comparação regional: maior expressão relativa dos três indicadores suplementares do desemprego na região Norte**

Dada a diferente dimensão populacional das regiões NUTS II do Continente português<sup>9</sup>, optou-se por proceder à comparação dos três indicadores suplementares do desemprego em termos relativos. A forma mais correta de o fazer é apresentar cada um destes indicadores em percentagem da população de proveniência do subgrupo em análise. Assim sendo, o subemprego visível de trabalhadores a tempo parcial é apresentado em percentagem da população empregada total e os outros dois indicadores são apresentados em percentagem da população inativa com 15 e mais anos (Gráfico 6).

**Gráfico 6: Indicadores suplementares do desemprego por região NUTS II do Continente, 2011 (em % de cada uma das populações de referência)**



Na região Norte, a expressão dos três indicadores era, em 2011, superior à do país: o subemprego de trabalhadores a tempo parcial correspondia a 4,9% da população empregada, os inativos à procura de emprego mas não disponíveis representavam 1,1% da população inativa com 15 e mais anos e os inativos disponíveis mas que não procuram emprego representavam 5,3% da população inativa com 15 e mais anos. As percentagens correspondentes para Portugal eram de, respetivamente, 4,5%, 0,9% e 4,9%.

Na região Centro, pelo contrário, a expressão dos três indicadores (4,2%, 0,5% e 4,4%) era inferior à do país, tal como no Alentejo (3,7%, 0,7% e 3,8%).

<sup>9</sup> Por razões de fiabilidade da informação, as estimativas para estes três indicadores suplementares do desemprego para a Região Autónoma dos Açores e para a Região Autónoma da Madeira não são apresentadas. Trata-se, nalguns casos, de valores de baixa expressão quantitativa com erros de amostragem associados elevados.

Em Lisboa, a expressão dos três indicadores era idêntica à do país: 4,5%, 1,0% e 4,7%.

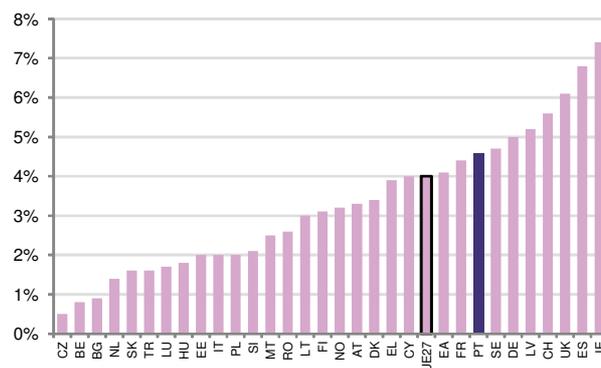
No Algarve, a expressão do subemprego de trabalhadores a tempo parcial (5,1%) era maior do que a que globalmente se observava para Portugal, enquanto que a dos inativos à procura de emprego mas não disponíveis e a dos inativos disponíveis mas que não procuram emprego era menor (0,9% e 4,4%, respetivamente).

**Situações diferenciadas entre países**

Tal como no caso da análise por região NUTS II do Continente Português, as comparações internacionais dos três indicadores suplementares do desemprego são feitas em termos relativos. O subemprego visível de trabalhadores a tempo parcial é apresentado em percentagem da população empregada total e da população empregada a tempo parcial. Os outros dois indicadores são apresentados em percentagem da população inativa. Em todos os casos, trata-se da população dos 15 aos 74 anos, conforme informação disponibilizada pelo Eurostat.

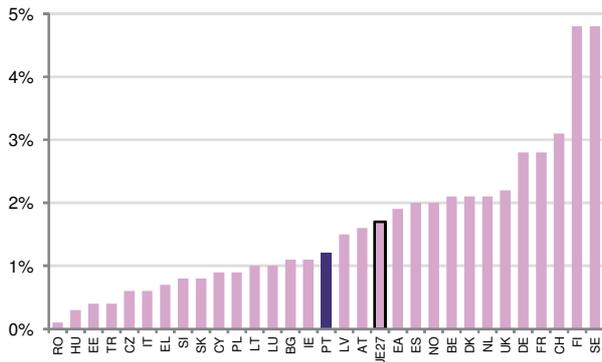
O Quadro 5 (anexo) apresenta as estimativas de cada um daqueles indicadores, em termos absolutos (milhares de indivíduos) e relativos (proporções), para Portugal, os restantes países da União Europeia (UE27), a Islândia, a Noruega, a Suíça e a Turquia, em 2011. Os Gráficos 7 a 9 comparam, por país da UE27, cada um dos três indicadores suplementares do desemprego (em termos relativos).

**Gráfico 7: Subemprego de trabalhadores a tempo parcial na União Europeia, em 2011 (em % da população empregada do mesmo grupo etário)**

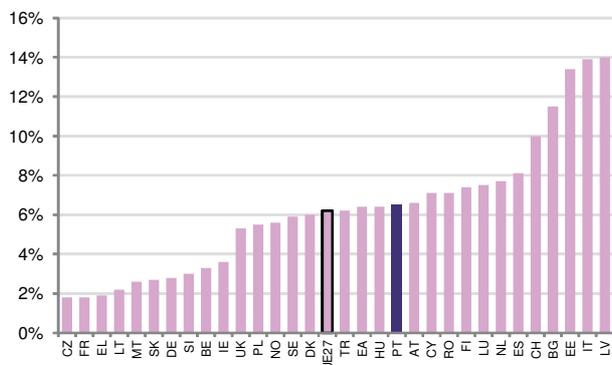


AT	Áustria	IT	Itália
BE	Bélgica	LT	Lituânia
BG	Bulgária	LU	Luxemburgo
CY	Chipre	LV	Letónia
CZ	Rep. Checa	MT	Malta
DE	Alemanha	NL	Países Baixos
DK	Dinamarca	PL	Polónia
EE	Estónia	PT	Portugal
EL	Grécia	RO	Roménia
ES	Espanha	SE	Suécia
FI	Finlândia	SI	Eslovénia
FR	França	SK	Eslováquia
HU	Hungria	UK	Reino Unido
IE	Irlanda		

**Gráfico 8: Inativos à procura de emprego mas não disponíveis na União Europeia, em 2011 (em % da população inativa do mesmo grupo etário)**



**Gráfico 9: Inativos disponíveis mas que não procuram emprego na União Europeia, em 2011 (em % da população inativa do mesmo grupo etário)**



Da leitura dos elementos disponibilizados, pode concluir-se que:

- Na UE27, o subemprego de trabalhadores a tempo parcial abrangeu, em 2011, 8,6 milhões de indivíduos (8,5 milhões em 2010). Este grupo de indivíduos representava 20,5% da população empregada a tempo parcial e 4,0% da população empregada total.
- As maiores percentagens de trabalhadores a tempo parcial em situação de subemprego foram observadas na Grécia (58,1%), na Letónia (56,9%), em Espanha (49,3%) e no Chipre (42,0%). Estes são países onde a percentagem de trabalhadores a tempo parcial no total da população empregada é relativamente baixa.
- As menores percentagens de trabalhadores a tempo parcial em situação de subemprego foram observadas nos Países Baixos (2,8%) e na Bélgica (3,3%), onde o trabalho a tempo parcial é frequente (49,1% e 25,0%, respetivamente, da população empregada total), seguidos do Luxemburgo (9,2%) e da República Checa (9,9%).
- Em Portugal, a percentagem de trabalhadores a tempo parcial em situação de subemprego era de 37,8% (acima da média da UE27) e o trabalho a

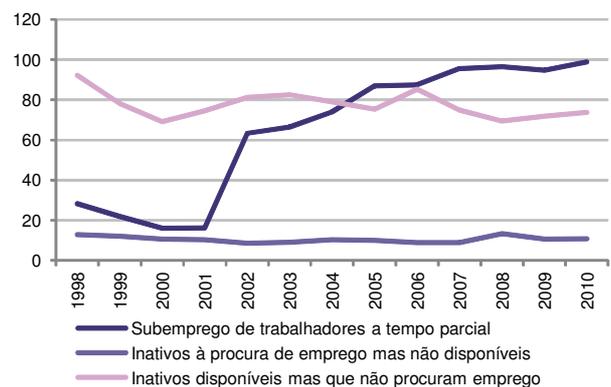
tempo parcial representava 12,2% do emprego total (abaixo da média da UE27).

- Na UE27, havia 2,4 milhões de inativos à procura de emprego mas não disponíveis, em 2011, e 8,6 milhões de inativos disponíveis mas que não procuram emprego (2,4 e 8,2 milhões em 2010).
- Em conjunto, os dois grupos de inativos representavam 7,9% da população inativa. A importância destes inativos na população inativa total varia de 2,4%, na República Checa (e 2,6% na Grécia), a 15,5% na Letónia (e 14,5% na Itália). Em Portugal aquela proporção era de 7,7% (próxima da média da UE27).

### *Evolução de 1998 a 2010 em Portugal*

Entre 1998 e 2010, verificou-se um crescimento mais ou menos continuado no subemprego de trabalhadores a tempo parcial (Gráfico 10), que passou de 28,2 mil indivíduos em 1998 (0,6% da população empregada) para 98,8 mil em 2010 (2,0%).<sup>10</sup>

**Gráfico 10: Evolução anual dos indicadores suplementares do desemprego, 1998-2010 (milhares de indivíduos)**



No mesmo período, o número de inativos à procura de emprego mas não disponíveis apresentou um comportamento relativamente estável, passando de 12,9 mil indivíduos em 1998 (0,4% da população inativa com 15 e mais anos) para 10,8 mil em 2010 (0,3%).

O número de inativos disponíveis mas que não procuram emprego, por seu turno, apresentou uma tendência decrescente, passando de 92,2 mil indivíduos em 1998 (2,8% da população inativa com 15 e mais anos) para 73,8 mil em 2010 (2,1%).

<sup>10</sup> No 1º trimestre de 2011 deu-se início a uma nova série de dados do Inquérito ao Emprego, pelo que deixam de ser possíveis as comparações diretas com as estimativas provenientes da série anterior (em vigor desde o 1º trimestre de 1998 até ao 4º trimestre de 2010). Assim sendo, os valores médios anuais de 2010 e 2011 não são diretamente comparáveis e a análise desta secção centrou-se nas séries de 1998 a 2010.

A força de trabalho adicional potencial apresentou assim uma tendência decrescente, passando de 105,1 mil indivíduos em 1998 (3,1% da população inativa com 15 e mais anos) para 84,6 mil em 2010 (2,5%).

## 5. Anexo

Diagrama: Critérios de classificação da população com 15 e mais anos segundo a condição perante o trabalho								
Critérios de classificação	População total (15 e mais anos)							
	Empregados			Não empregados				
	Trabalhadores a tempo parcial		Trabalhadores a tempo completo	Pretendem ter um emprego				Não pretendem ter um emprego
	Desejam trabalhar mais horas, estão disponíveis para começar a trabalhar essas horas dentro de 2 semanas	Outros trabalhadores a tempo parcial		Procuraram um emprego nas últimas 4 semanas		Não procuraram um emprego nas últimas 4 semanas		
				Disponíveis para começar a trabalhar dentro de 2 semanas	Não disponíveis para começar a trabalhar dentro de 2 semanas	Disponíveis para começar a trabalhar dentro de 2 semanas	Não disponíveis para começar a trabalhar dentro de 2 semanas	
				Inativos				
			Desempregados	Inativos à procura de emprego mas não disponíveis (+ restrição: 15 a 74 anos)	Inativos disponíveis mas que não procuram emprego (+ restrição: 15 a 74 anos)	Outros inativos		
6 estados analisados nas secções 3 e 4, incluindo os indicadores novos	Subemprego de trabalhadores a tempo parcial (+ restrição: 15 a 74 anos)	Outros empregados	Desempregados	Inativos à procura de emprego mas não disponíveis (+ restrição: 15 a 74 anos)	Inativos disponíveis mas que não procuram emprego (+ restrição: 15 a 74 anos)	Outros inativos		
Estimativas 2011	219,7	4 617,4	706,1	32,6	172,0	3 289,4		
	4 837,0		706,1	3 494,1				
	9 037,2							

Quadro 1: Subemprego de trabalhadores a tempo parcial e outros empregados por antiguidade no emprego atual, 2011

	Há quanto começou a trabalhar no emprego atual?				Total
	Há menos de 1 ano	De 1 a menos 2 anos	Há 2 e mais anos		
	%				
Empregados	12,4	7,1	80,6	100	
Subemprego de trabalhadores a tempo parcial	32,0	12,7	55,3	100	
Outros empregados	11,4	6,8	81,8	100	
Trabalhadores a tempo parcial	16,9	7,8	75,3	100	
Trabalhadores a tempo completo	11,7	7,0	81,4	100	

Quadro 2: Desempregados, força de trabalho adicional potencial e outros inativos por experiência anterior de trabalho, 2011

	Há quanto tempo deixou de trabalhar?			Total
	Há menos de 2 anos	Há 2 e mais anos	Nunca trabalhou	
	%			
Desempregados	57,5	32,1	10,5	100
Inativos à procura de emprego mas não disponíveis	44,7	41,4	13,8	100
Inativos disponíveis mas que não procuram emprego	32,0	48,0	19,9	100
Outros inativos (15 e mais anos)	8,6	65,5	25,9	100

Quadro 3: Fluxos trimestrais entre seis estados do mercado de trabalho (em % do estado inicial)

Médias 2ºt11 a 4ºt11

1º trimestre	2º trimestre	1	2	3	4	5	6	Total no 1º trimestre
Subemprego de trabalhadores a tempo parcial	1	43,2	34,2	14,6	1,3	3,1	3,6	100
Outros empregados	2	1,7	90,9	2,4	0,3	1,8	2,9	100
Desempregados	3	5,3	15,1	63,6	3,6	6,4	6,1	100
Inativos à procura de emprego mas não disponíveis	4	4,9	12,1	46,6	3,4	15,1	17,9	100
Inativos disponíveis mas que não procuram emprego	5	4,2	10,3	29,4	8,2	26,8	21,2	100
Outros inativos	6	0,4	5,6	1,9	0,9	31,2	60,0	100
<b>Total no 2º trimestre</b>		<b>2,5</b>	<b>50,6</b>	<b>7,6</b>	<b>0,9</b>	<b>13,6</b>	<b>24,8</b>	100

Quadro 4: Os seis estados do mercado de trabalho por auto classificação da condição perante o trabalho, 2011

	Empregado	Desempregado	Estudante	Doméstico	Reformado ou incapacitado	Outro inativo	Total
	%						
Subemprego visível de trabalhadores a tempo parcial	74,1	17,0	1,4	4,3	2,9	0,3	100
Outros empregados	92,2	1,0	0,4	1,3	4,5	0,5	100
Desempregados	0,5	90,7	4,7	2,5	0,8	0,7	100
Inativos à procura de emprego mas não disponíveis	3,1	72,9	12,9	6,1	2,8	2,5	100
Inativos disponíveis mas que não procuram emprego	0,3	54,1	16,4	17,6	8,5	3,2	100
Outros inativos	0,3	4,0	20,3	12,5	53,4	9,5	100

Quadro 5: Indicadores suplementares do desemprego por país, 2011

	Subemprego de trabalhadores a tempo parcial		Trabalhadores a tempo parcial	Inativos à procura de emprego mas não disponíveis		Inativos disponíveis mas que não procuram emprego		
	Milhares de indivíduos	Em % da população empregada a tempo parcial	Em % da população empregada	Milhares de indivíduos	Em % da população inativa	Milhares de indivíduos	Em % da população inativa	
<b>União Europeia (UE27)</b>	<b>8 596</b>	<b>20,5</b>	<b>4,0</b>	<b>19,4</b>	<b>2 383</b>	<b>1,7</b>	<b>8 566</b>	<b>6,2</b>
<b>Euro Área (EA17)</b>	<b>5 744</b>	<b>19,5</b>	<b>4,1</b>	<b>20,8</b>	<b>1 751</b>	<b>1,9</b>	<b>5 803</b>	<b>6,4</b>
Alemanha	1 963	18,7	5,0	26,5	578	2,8	591	2,8
Áustria	135	13,1	3,3	25,0	35	1,6	141	6,6
Bélgica	38	3,3	0,8	25,0	70	2,1	109	3,3
Bulgária	26	37,9	0,9	2,3	28	1,1	286	11,5
Chipre	15	42,0	4,0	9,6	2	0,9	14	7,1
Dinamarca	92	13,1	3,4	25,9	26	2,1	75	6,0
Eslováquia	37	37,8	1,6	4,1	13	0,8	43	2,7
Eslovénia	19	20,4	2,1	10,1	5	0,8	18	3,0
Espanha	1 230	49,3	6,8	13,8	243	2,0	961	8,1
Estónia	12	19,2	2,0	10,6	(2)	(0,4)	44	13,4
Finlândia	77	20,7	3,1	14,9	66	4,8	100	7,4
França	1 136	24,7	4,4	17,9	469	2,8	306	1,8
Grécia	159	58,1	3,9	6,7	22	0,7	64	1,9
Hungria	69	26,8	1,8	6,8	11	0,3	218	6,4
Irlanda	133	31,6	7,4	23,4	13	1,1	42	3,6
Itália	451	12,8	2,0	15,4	121	0,6	2 897	13,9
Letónia	51	56,9	5,2	9,2	9	1,5	85	14,0
Lituânia	41	34,3	3,0	8,6	9	1,0	19	2,2
Luxemburgo	4	9,2	1,7	18,3	2	1,0	12	7,5
Malta	4	19,0	2,5	13,1	:	:	4	2,6
Países Baixos	114	2,8	1,4	49,1	79	2,1	286	7,7
Polónia	320	25,4	2,0	7,8	106	0,9	644	5,5
<b>Portugal</b>	<b>220</b>	<b>37,8</b>	<b>4,6</b>	<b>12,2</b>	<b>33</b>	<b>1,2</b>	<b>172</b>	<b>6,5</b>
Reino Unido	1 773	23,0	6,1	26,7	320	2,2	772	5,3
República Checa	26	9,9	0,5	5,4	18	0,6	55	1,8
Roménia	237	24,8	2,6	10,5	(7)	(0,1)	487	7,1
Suécia	218	18,1	4,7	26,0	99	4,8	121	5,9
Islândia	:	:	:	:	2	4,9	4	9,1
Noruega	82	11,5	3,2	28,1	21	2,0	59	5,6
Suiça	243	16,1	5,6	35,0	48	3,1	152	10,0
Turquia	376	13,2	1,6	11,8	95	0,4	1 558	6,2

**Notas:**

1. Neste quadro, a população empregada, a população empregada a tempo parcial e a população inativa utilizadas no denominador das proporções apresentadas, reportam ao grupo etário dos 15 aos 74 anos.

\* EA17 (Euro Área): Alemanha, Áustria, Bélgica, Chipre, Eslováquia, Eslovénia, Espanha, Estónia, Finlândia, França, Grécia, Irlanda, Itália, Luxemburgo, Malta, Países Baixos e Portugal.

**Sinais convencionais:**

: Informação não disponível ou não publicada, dada a reduzida dimensão amostral.

() Informação de fiabilidade reduzida, dada a reduzida dimensão amostral.

## 7. LISTA DOS “TEMA EM ANÁLISE” JÁ PUBLICADOS NAS ESTATÍSTICAS DO EMPREGO

1º trimestre 2006	O Inquérito ao Emprego: o que é e para que serve? Maria José Correia e Francisco Lima
2º trimestre 2006	A avaliação do desemprego pelo Inquérito ao Emprego Maria José Correia e Francisco Lima
3º trimestre 2006	Medidas alternativas à taxa de desemprego oficial: a consideração dos inativos desencorajados e do subemprego visível Sónia Torres
4º trimestre 2006	Fluxos trimestrais de indivíduos entre estados no mercado de trabalho Sónia Torres
1º trimestre 2007	Os módulos <i>ad hoc</i> do Inquérito ao Emprego. Principais resultados do módulo <i>ad hoc</i> de 2005 – Conciliação da vida profissional com a vida familiar Sónia Torres
2º trimestre 2007	A medida dos salários a partir do Inquérito ao Emprego Sónia Torres
3º trimestre 2007	A operacionalização dos conceitos Empregado e Desempregado no Inquérito ao Emprego Maria José Correia e Ana Neves
4º trimestre 2007	População empregada e desempregada por nível de escolaridade – breve análise descritiva Sónia Torres
1º trimestre 2008	A nova Classificação Portuguesa das Atividades Económicas (CAE-Rev. 3) no Inquérito ao Emprego Maria José Correia e Arminda Brites
2º trimestre 2008	Taxas de desemprego mensais – Estimativas para Portugal Sónia Torres
3º trimestre 2008	As horas trabalhadas em Portugal – Análise de 1998 a 2007 Sónia Torres
4º trimestre 2008	O emprego de pessoas com deficiência – uma breve análise do módulo <i>ad hoc</i> de 2002 Francisco Lima e José Francisco António
1º trimestre 2009	Transição do trabalho para a reforma – Módulo <i>ad hoc</i> do Inquérito ao Emprego de 2006 Sónia Torres
2º trimestre 2009	Os Indicadores Estruturais e o Inquérito ao Emprego Sónia Torres
3º trimestre 2009	A história das estatísticas do trabalho em Portugal – O papel do Inquérito ao Emprego Sónia Torres
4º trimestre 2009	Situação dos migrantes e seus descendentes diretos no mercado de trabalho – Módulo <i>ad hoc</i> do Inquérito ao Emprego de 2008 Graça Magalhães

1º trimestre 2010	A relação entre o nível de escolaridade e o mercado de trabalho em 2009 Francisco Lima
2º trimestre 2010	Transição escola – mercado de trabalho: duração da procura do 1º emprego Francisco Lima e Susana Neves
4º trimestre 2010	Taxas de desemprego mensais – Estimativas para Portugal – Parte II Sónia Torres
1º trimestre 2011	Medida do impacto da alteração no modo de recolha da informação no Inquérito ao Emprego no 1º trimestre de 2011 Instituto Nacional de Estatística
2º trimestre de 2011	Acidentes de trabalho e problemas de saúde relacionados com o trabalho (ATPS 2007) – Módulo <i>ad hoc</i> do Inquérito ao Emprego de 2007 Eduarda Góis, Cristina Gonçalves e Maria dos Anjos Campos
3º trimestre de 2011	Conciliação da vida profissional com a vida familiar – Módulo <i>ad hoc</i> do Inquérito ao Emprego de 2010 Ana Neves e Francisco Lima
4º trimestre de 2011	Estimativas de fluxos trimestrais de indivíduos entre estados do mercado de trabalho obtidas a partir do Inquérito ao Emprego – Série 1998 Sónia Torres